

Capítulo 4

Elucidações juvenis

Contra a velha distinção diltheyana, é preciso ser dito que *compreender e explicar são a mesma coisa*.

P. Bourdieu (1997)

O presente capítulo aborda a análise das entrevistas realizadas com um grupo de alunos e alunas das escolas pesquisadas, visando compreender as relações de sociabilidade desenvolvidas na família, nos grupos de amigos e colegas e em relação às tecnologias de informação e comunicação (TIC). As práticas de sociabilidade dos jovens foram analisadas tentando observar sua relação com o processo de escolarização. O capítulo divide-se em três seções. A primeira parte é dedicada às questões metodológicas a partir das quais se desenvolveram as entrevistas e a abordagem de análise, perpassada também por uma perspectiva de gênero. Em seguida desenvolvo uma análise das formas de sociabilidade desenvolvidas pelas mulheres e três esboços das vidas das jovens que considere mais significativos no conjunto pesquisado para compreender, a través de fragmentos das histórias das alunas, a rede de circunstâncias e relações que configurava suas vidas. A última seção abrange o estudo das formas de sociabilidade dos homens entrevistados, um exame no qual também foram assinaladas as principais diferenças observadas em relação às mulheres. Para finalizar foram incluídos dois perfis de alunos, para tentar olhar, no relato, as relações de sociabilidade, a fim de observar algumas variações e continuidades nas práticas culturais e nas condições socioeconômicas destes.

4.1. Tempo de mudança e crise: a juventude “interminável”

Contando com um primeiro conjunto de indícios de alguns aspectos da vida dos grupos de jovens das camadas populares que freqüentam a escola para completar o ensino médio, iniciei a etapa seguinte da pesquisa. As entrevistas poderiam me permitir aprofundar o conhecimento das mudanças e continuidades nas formas de sociabilidade em relação à família, aos grupos de amigos, vizinhos e colegas da escola e a sua vinculação com as TIC. Interessava-me também estabelecer as possíveis relações entre estes conhecimentos e o processo de escolarização.

A análise do questionário confirmava o rompimento dos modos de passagem à vida adulta, uma questão sustentada por estudos e pesquisas recentes que abordam a relação entre os jovens e o trabalho e assinalada como uma das conseqüências mais expressivas das transformações sucedidas. Há vinte anos se afirmava que o momento em que o jovem passava a ser adulto estava vinculado à inserção no mundo do trabalho, à saída do lar de origem e, à constituição de uma nova família. A transição da escola para o trabalho, que supunha a finalização dos estudos, constituía também parte central do processo de autonomização. Porém, num sentido contrário, o que provoca o alargamento ou prolongamento da juventude é uma maior permanência no sistema educativo, o atraso na inserção sócio-trabalhista e na constituição de família própria, uma maior dependência em relação a seus lares de origem e menor autonomia ou emancipação residencial (Hasenbalg, 2003; Jacinto, 2005; Leon, 2005).

Neste sentido, hoje em dia se fala das adolescências e das juventudes “intermináveis”, diante da quebra daqueles ritos de passagem e do profundo sentimento de incerteza que domina o presente e a intangibilidade do futuro. Esta mudança se vincula tanto à crise econômica como às transformações nas relações dentro da família, e mesmo das formas em que os jovens concebem e vivem a inserção no mundo do trabalho e das novas tecnologias (Jacinto, 2005). O mundo familiar dos jovens não se pode qualificar como homogêneo. Eles vivem simultânea e sucessivamente em contextos sociais diferenciados, mesmo no que diz respeito às instituições sociais clássicas como a família, a escola, o trabalho, a igreja, o clube esportivo, a política, etc. Enquanto a passagem pela família, em

suas diferentes configurações, afeta todos os indivíduos, outros contextos conformam parte da vida de apenas alguns grupos das nossas sociedades (clube ou a igreja) (Lahire, 2002).

Certas características da transição da escola para o trabalho, nos países latino-americanos, dificultam a observação da relação entre as qualificações e a entrada no mundo do trabalho. A isso devemos adicionar o ingresso precoce no trabalho e a conciliação ou superposição de estudo e trabalho. A volta aos estudos também se relaciona à precariedade das oportunidades de trabalho e aos longos períodos de desemprego. Assim, os estudantes que frequentavam o ensino médio para adultos apresentavam condições desfavoráveis de capital econômico. Mais da metade do conjunto de entrevistados vivia com cerca de 50% ou 60% do valor da cesta básica. Do mesmo modo, constatei que as condições de inserção ou de “sobrevivência” (Zago, 2006) no ensino médio para jovens e adultos era muito baixa.

O roteiro de entrevista aplicado junto a um grupo de jovens, mulheres e homens, pertencente às três escolas, uma de ensino médio e duas de ensino técnico, teve como objetivo criar conjuntos de informação segundo uma ordem construída para favorecer a comparação. Esse grupo de estudantes foi escolhido entre os que aceitaram ser entrevistados respondendo afirmativamente a essa questão incluída no questionário. Suas respostas constituíram uma informação básica que esteve presente durante o processo de entrevista e uma justificativa para outros encontros prévios à situação de entrevista. Essa instância contribuiu, como diz Bourdieu (1997), para “tentar situar-se em pensamento no lugar que o pesquisado ocupa no espaço social para o *necessitar* a partir desse ponto e para *decidir-se* de alguma maneira por *ele* (...). É dar-se uma *compreensão genérica e genética* do que ele é, fundada no domínio (teórico ou prático) das condições sociais das quais ele é o produto” (p.699-700). Refere-se ao domínio das condições de existência e dos mecanismos sociais cujos efeitos são exercidos sobre o conjunto dos estudantes pesquisados e ao domínio dos condicionamentos, ao mesmo tempo, psíquicos e sociais associados à sua posição e a sua trajetória no espaço social.

A construção das grades da entrevista teve como objetivo teórico central, numa primeira parte, a obtenção de indícios das marcas deixadas nos entrevistados pelos grandes universos de socialização tais como a família e a

escola fundamental, escola média e o trabalho, bem como a relação com outras instituições ou movimentos (culturais, religiosos, políticos). A segunda parte, esteve centrada na compreensão das relações de sociabilidade através de diversos vínculos (colegas, vizinhos, amigos) que permitiriam aprofundar o conhecimento das afinidades e diferenças oferecendo elementos para entender o mundo juvenil. Todo o conjunto esteve atravessado pelas questões referidas às práticas dos jovens em relação às tecnologias de informação e comunicação. A organização do roteiro em eixos centrais significava uma tentativa de diferenciar as dimensões onde se inscrevem as formas de sociabilidade objeto da pesquisa. Ainda assim, como assinala Lahire (2004) “quando se trata de família, escola ou trabalho as realizações estão muito mais entrelaçadas do que se imagina” e “é difícil falar da escola sem falar da família ou de amizade ou abordar a questão do trabalho sem evocar a escola, a família ou a sociabilidade” (p. 38).

No campo da família interessava-me conhecer a história e o presente familiar tanto quanto a estrutura e a forma de organização familiar. Os temas relativos à economia da família tais como ingressos econômicos e condições de moradia e de vida em geral compuseram este ponto. Procurei saber das atividades realizadas com mais regularidade pelos jovens dentro do espaço familiar. Em particular, aquelas que incluíam recursos (livros, revistas, jornais, TV, TV a cabo, Vídeo ou DVD, computador e rádio e aparelho de música, CD) e disposições culturais. Junto a isso, o relato de momentos significativos na vida da família e na vida com a família poderia me conduzir ao reconhecimento das expectativas de vida tanto familiares como pessoais.

No que diz respeito à história e o presente escolar minha preocupação estava em observar as continuidades e rupturas entre a escolarização dos pais e/ ou do cônjuge e a escolarização da/do entrevistada/o. Como alguns entrevistados/os tinham formado família própria ou haviam se separado de seus companheiros e voltado a morar com a família de origem (situação de mãe-aluna ou pai-aluno) isso tinha que ser levado em consideração. Nessas circunstâncias as relações com os filhos ocupavam um lugar de destaque e influenciavam as relações de sociabilidade e as expectativas familiares e pessoais a respeito da escola. As

lembranças da vida escolar e a memória de momentos significativos na biografia escolar procuravam reconhecer o lugar e a relação com a escola dos jovens.

O eixo do trabalho e do desemprego foi incluído pelo fato de constituir a preocupação central da vida do grupo pesquisado, configurando tanto as circunstâncias como as práticas pessoais e familiares. Assim, receber um salário ou o auxílio da assistência social ou ter um subsídio e ganhar algum dinheiro trabalhando “no que se pode”, diz tanto das disposições pessoais como das oportunidades sociais nas que se inscrevem algumas das práticas de sociabilidade. O ponto de partida foi considerar a situação de trabalho ou de desemprego no momento da entrevista e desvendar alguns dados da história anterior e as expectativas futuras.

O último eixo abrangeu as relações atuais de sociabilidade, reconhecendo diversos vínculos (amigas, amigos, relações de vizinhança e colegas da escola). No conhecimento dos diferentes grupos, o interesse principal estava em procurar conhecer as afinidades, interesses compartilhados e atividades desenvolvidas na diversidade de contatos e em espaços tanto reais como virtuais (mensagens de texto, correio eletrônico e bate-papo). Também procurava identificar núcleos de atividades culturais (religiosas, físicas, esportivas, manuais, de lazer e sociais) ou vínculos com instituições culturais com as quais os estudantes poderiam se relacionar (política, religiosa, cultural, esportiva e outras).

A seleção das pessoas a serem entrevistadas esteve sustentada em um conjunto de critérios. O grupo pesquisado foi escolhido dentro de um número maior de jovens das três escolas, tanto homens como mulheres, que se ofereceram para participar de entrevistas individuais respondendo afirmativamente a essa questão no final do questionário exploratório. Levei em consideração o sexo, a idade, o curso escolar e a instituição educativa.

Foram selecionados vinte e quatro alunas e alunos¹, num universo de vinte e uma mulheres e dezoito homens que se dispuseram a ser entrevistados. Todos concluíram o ensino fundamental em escolas públicas e somente em dois casos

¹ Ver Anexo 5: Listado de alunos e alunas entrevistados.

freqüentaram parte desse nível em escolas privadas. O perfil dos vinte e quatro estudantes selecionados é o seguinte: doze são de sexo masculino e doze de sexo feminino, quinze com idades entre 18 e 21 anos e nove dos 23 até os 29 anos. Mais da metade, 15 estudantes, estava cursando o segundo ano e os restantes o primeiro curso do ensino médio para adultos, distribuídos nos diferentes turnos escolares.

No grupo das mulheres, 6 eram solteiras sendo que uma delas tinha filho, 4 eram separadas com filhos e 2 casadas com filhos. No que se refere ao emprego apenas uma estava trabalhando ao momento da entrevista, algumas faziam biscates e mais da metade delas recebia algum tipo ajuda social, geralmente o *Plan Jefas y Jefes de Hogar Desocupados* (P.J.J.H.D.) para os maiores de 18 anos e outros destinados a jovens menores de 18 anos. A ajuda econômica de \$150 mensais (U\$50 aproximadamente) ou menos, no caso dos mais jovens, deveria ser retribuída pelo beneficiário através de uma contra prestação de trabalho ou de estudo.

A maior parte das mães das entrevistadas completou o ensino fundamental, somente três delas não concluíram esse nível e apenas uma finalizou o ensino médio. Assim mesmo, cinco eram empregadas domésticas ou administrativas, duas se dedicavam aos fazeres domésticos, uma era trabalhadora rural e três estavam desempregadas. Do total dos pais, seis completaram a escola básica e um deles conseguiu o certificado de ensino médio.

O grupo dos doze homens apresentava somente um casado com filhos, os restantes eram solteiros. Dez deles fizeram o ensino fundamental em escolas públicas, os outros dois freqüentaram escolas privadas. A maior parte deles ganha algum dinheiro fazendo biscates, uns poucos conseguiram ser contratados por empresas que prestavam serviço às indústrias locais ou trabalhavam para o município.

Entre as mães dos entrevistados, seis concluíram o ensino fundamental, somente uma delas não completou esse nível e cinco finalizaram o ensino médio. Deste conjunto, três trabalhavam como empregadas domésticas, três como

empregadas administrativas, três dedicavam-se aos trabalhos da casa, duas estavam desempregadas e uma aposentada. Os pais dos estudantes completaram o curso superior em dois casos, cinco tinham o ensino médio (um deles frequentou a escola de adultos), quatro completaram a escola básica e um deles não a completou. Cinco deles estavam desempregados, quatro empregados, um era aposentado, outro, pequeno comerciante e um falecido.

Interessava-me analisar o conteúdo das entrevistas de modo sistemático favorecendo a construção de avanços teóricos que explicassem e possibilitassem a compreensão das formas de sociabilidade e seu correlato nos processos de escolarização. A análise do conteúdo das entrevistas se desenvolveu em três etapas: extrair, identificar, classificar. O primeiro momento teve por objetivo escolher fragmentos do texto que pudessem responder a uma palavra (categoria). As palavras chave surgiram do próprio roteiro de entrevista, no caso das entrevistas semi-estruturadas. De tal modo, foi possível isolar unidades temáticas distinguindo temas e sub-temas; escolhendo para cada um deles uma ou mais palavras-chave que os pudesse resumir melhor. Cada fragmento devia conter todas as palavras-chave que assinalavam os temas e sub-temas de enlace, assim como as referências do documento e o lugar que ocupava o fragmento dentro do texto (página, linha) para, posteriormente, classificar esses fragmentos nos conjuntos temáticos correspondentes.

Num segundo momento, fiz a identificação e classificação dos temas e sub-temas que passaram a constituir um guia de análise para operar em duas direções: uma análise transversal e uma análise longitudinal. A primeira corresponde a uma análise comparativa dos enunciados ao interior de cada tema e sub-tema, atravessando o conjunto de textos. Comparam-se os fragmentos reunidos no interior de cada conjunto estabelecendo semelhanças e diferenças. A análise longitudinal teve por objetivo o estudo comparado da seleção seqüencial de cada texto, centrando-se no desenvolvimento de cada entrevista, a ordem de aparição dos temas e sub-temas, sua extensão (número de linhas) e as recorrências e co-ocorrências. (Combiessse, 2003).

Além disso, no processo de análise levei em consideração outros dois requisitos. O primeiro, incluir uma perspectiva de gênero e, o segundo, conservar

a linha biográfica mesmo no reconhecimento que isto não significava uma consistência biográfica, mas apenas algumas linhas entre a situação atual dos jovens e fragmentos da vida que ajudavam na compreensão da questão que a minha pesquisa tentava explorar. Assim, decidi combinar uma análise transversal dos relatos com uma apresentação dos grandes traços da vida de cada um dos jovens. Pensei, nesta última etapa, em vincular um olhar que tentasse compreender o comum e o incomum entre os jovens entrevistados, particularmente no que se refere às questões específicas da minha pesquisa, para colocar essas questões em um quadro individual que mostrasse a trama da vida onde esses processos se inscreviam. Assim, decidi incluir ao final de cada fase de análise alguns esboços paradigmáticos, no meu ponto de vista, das vidas dos jovens.

Es imposible mostrar todo el material recogido y es imposible hacerlo sin un trabajo de selección, de montaje y de “puesta en escena” necesario para que este pueda ser accesible a los lectores. Es necesario sin embargo multiplicar el recurso al material empírico en la actividad de escritura a través de citas de entrevistas, de los extractos de observaciones, de recensiones elaboradas durante el trabajo de campo no solamente para producir un “efecto de realidad” sino para separar claramente la interpretación sociológica empíricamente fundada de la especulación filosófica o de diversas tentativas ideológicas y morales. (van Zanten, 2004: 309)

No processo descrito, seguindo van Zanten (2004), procurei que tanto a escolha do campo de estudo como a conduta de entrevistas e observações fossem guiadas por três tipos de orientações: a pertinência teórica e prática, a necessidade de negociar um marco de interação com os atores e o controle da subjetividade.

As entrevistas foram desenvolvidas no espaço das instituições educativas pesquisadas e, mais especificamente, nos lugares que estavam vazios na organização do dia a dia escolar. Assim, algumas delas se desenvolveram em salas de aula, outras em salas de professores ou em espaços que em outros momentos do dia constituíam o lugar de trabalho de secretários e outros empregados administrativos. Na maior parte dos encontros, os entrevistados e as entrevistadas solicitaram mais informações sobre o porquê e para quê da pesquisa e, principalmente, em que sentido suas respostas às perguntas poderiam ter alguma utilidade social. Alguma coisa iria mudar? Suas palavras ou intervenções poderiam ter algum efeito? De que modo poderiam contribuir com as coisas que

falassem de suas vidas? Existiria alguém que se importaria com isso? Haveria mais planos de ajuda social no caso de responder? Esses interrogantes surgiram na maior parte das vezes no início do encontro e em outras poucas ocasiões, após a realização das entrevistas. Neste último caso, também foram solicitados “conselhos” sobre o que fazer com a escola, o trabalho e outras questões relacionadas. A presença do gravador, como instrumento de pesquisa, não foi causa de inibição ou constrangimento nos entrevistados.

Durante as entrevistas procurei levar em conta o que Bourdieu (1997) assinala a respeito de que esta deve proporcionar ao pesquisado bem-estar para que ele possa falar sem constrangimento de sua vida e de seus problemas e, quando isso ocorre, surgem discursos extraordinários. Afirma que os pesquisados mais carentes geralmente aproveitam essa situação para se fazer ouvir, comunicar sua experiência e, muitas vezes até, é uma ocasião para eles se explicarem, isto é, construírem seu próprio ponto de vista sobre eles mesmos e sobre o mundo. Algumas vezes esses discursos são densos, intensos e dolorosos e dão certo “alívio” ao pesquisado.

Nesse sentido, nos encontros com os jovens e, na medida em que avançava o tempo de entrevista, o sofrimento e a angústia contidos e reprimidos, de forma particular pelas mulheres, davam lugar a cenas de aflição e de pranto. No momento da entrevista convivi com sentimentos, afetos pessoais, fragilidades, pelo que tentei conservar todo o respeito à pessoa pesquisada mantendo-me atenta e atenciosa com o informante. Fiz o maior esforço possível para poder ler nas entrelinhas e ser capaz de reconhecer as estruturas invisíveis que organizam o discurso do entrevistado.

Finalmente, como lembra Bourdieu (1998), “transcrever é necessariamente escrever, no sentido de reescrever” no qual esse processo de passagem do oral ao escrito põe em jogo toda uma série de traduções. Por essa mesma razão, o esforço de rigorosidade incluiu tentar preservar a forma e o sentido das expressões dos jovens na sua língua original sabendo dos limites de ir de um idioma para outro. Assim,

O sociólogo não pode ignorar que é próprio de seu ponto de vista ser um ponto de vista sobre um ponto de vista. Ele não pode re-produzir o ponto de vista de seu objeto, e constituiu-lo como tal, re-situando-o no espaço social, senão a partir deste

ponto de vista muito singular (e, num sentido, muito privilegiado) onde deve se colocar para estar pronto a assumir (em pensamento) todos os pontos de vista possíveis. E é somente à medida que ele é capaz de se objetivar a si mesmo que pode, ficando no lugar que lhe é inexoravelmente destinado no mundo social, transportar-se em pensamento ao lugar onde se encontra seu objeto (que é também, ao mesmo em uma certa medida, um *alter ego*) e tomar assim seu ponto de vista, isto é, compreender que se estivesse, como se diz, no seu lugar, ele seria e pensaria, sem dúvida, como ele. (p. 713)

4.2. As relações e formas de sociabilidade das jovens alunas

Os relatos das jovens² atestavam a profundidade dos efeitos da situação socioeconômica e as múltiplas estratégias desenvolvidas para tentar dar alguma continuidade a seus projetos em um contexto marcado pela crise. Durante o processo das entrevistas foi possível identificar uma perspectiva comum nos relatos das mulheres. A volta à escola estava sustentada em quatro argumentos principais. O primeiro relacionava o ensino médio com a possibilidade de obter algum emprego. Sem os estudos, afirmavam, é quase impossível conseguir trabalho e tendo o certificado de ensino médio as probabilidades aumentavam e, no caso de já possuir algum emprego, poderiam mantê-lo ou melhorá-lo. Em alguns casos, também agregavam a necessidade de concluir esse nível para poder continuar os estudos superiores.

O segundo argumento estava ligado às idéias de independência e autonomia feminina. Tanto o título como os conhecimentos adquiridos pareciam ser fundamentais para se assegurar a possibilidade de terem uma margem importante na tomada de decisões do dia a dia diante do cônjuge.

Segundo as entrevistadas, outro argumento, ligado ao anterior, relaciona-se com a afirmação de deixar uma “herança cultural” para os filhos. Um bom percurso escolar para as crianças depende, na visão das mulheres tanto casadas como solteiras, da preparação delas mesmas. Têm certeza que será sua ajuda no

² Os nomes aqui utilizados são nomes fictícios, visando questões éticas, prezando a não identificação das jovens entrevistadas.

seguimento e assessoramento nos deveres escolares, a principal garantia do êxito escolar dos filhos.

Finalmente, para as mulheres a escola constitui um espaço para esquecer os problemas econômicos, familiares e sociais e, por essa mesma razão, se transforma em um lugar onde se descansa das dificuldades da vida em geral e das responsabilidades e tarefas domésticas.

Esta última afirmação, na minha interpretação, explicava a resistência ou reticência inicial do conjunto das mulheres tanto para responder o questionário como para participar das entrevistas. Ambas as situações estavam voltadas a refletir e aprofundar as questões que precisamente por efeito da lógica do espaço escolar podia-se esquecer.

Neste ponto, achei também que me encontrava frente a um paradoxo, que chamarei de um processo de duplo esquecimento. Ao mesmo tempo em que as alunas estavam na escola tentando deixar para trás os problemas e obrigações, pelo menos durante esse tempo-espaço específico, a própria lógica escolar sustentada numa visão homogênea das alunas e dos alunos, não levava em consideração as particularidades das vidas das estudantes. De forma paradoxal, enquanto as alunas iam para a escola tentando não se lembrar das situações difíceis que atravessavam, os docentes acreditavam que o que avaliavam como baixo rendimento era consequência da lembrança permanente dos impedimentos da vida, obstruindo a possibilidade de se concentrar no trabalho escolar.

Assim, a representação da vida dos estudantes é uma construção desenvolvida entre um duplo efeito de esquecimento e também um duplo efeito de homogeneização. Este último, ligado, por um lado, às políticas de Estado que se expressaram num sistema educativo nacional construído com base na homologação entre igualdade e homogeneidade. E, por outro, relacionado às classificações que as professoras e os professores das escolas que atendem a grupos pertencentes às camadas populares fazem das alunas e dos alunos. Assim, qualidades como a lentidão, a distração, a apatia, a dispersão, a falta de memória e o desinteresse fazem parte das descrições dos responsáveis pelo ensino. A elas somam-se as limitações do grupo familiar e a situação de pobreza que, na sua percepção, são os determinantes da ausência de disposições e bens culturais e simbólicos fundamentais para uma carreira escolar bem sucedida (Redondo, 2004; Morduchowicz, 2006).

Esta caracterização é assumida como própria pelas mesmas alunas, como se pode observar no relato de Natalia. Ela tem 29 anos, é separada, tem dois filhos pequenos, está desempregada, recebe um plano social e cursa o primeiro ano da escola técnica. Ressalta que,

Dejé la escuela a los dieciséis años porque decía que no era para mí, que no tenía tiempo, que no tenía cerebro para estudiar, que no tenía de hecho... ahora igual pero me cuesta un poco, pero me cuesta estudiar, pero quiero terminar la escuela, es mi objetivo.

Porque veo el qué dirán, es ya grande en el sentido de...tengo veintinueve años, no tengo estudios, no tengo un trabajo, no tengo nada. ¿Quién soy? Nadie. El día de mañana, cuando me muera, a los chicos no les voy a dejar nada, por eso quiero venir a la escuela y lo mismo estudiar algo y de lo mismo que estudio conseguirme un buen trabajo y comprarme algo el día de mañana, dejarle algo a los nenes míos.

Assim sendo, o efeito de duplo esquecimento e homogeneização impede de tornar invisível qualquer disposição, estratégia ou recurso relevante para a vida escolar e também evita que elas se introduzam e irrompam nas práticas escolares.

4.2.1. A preponderância da vida familiar

Durante o processo de análise do questionário uma das conclusões parciais a que eu havia chegado se relacionava com a continuidade da preponderância da família como grande matriz socializadora e de seus efeitos para o prosseguimento do processo de escolarização. Os relatos das mulheres confirmavam que a vida em família ocupa a maior parte do mundo cotidiano, um indício que já estava presente na leitura do questionário exploratório. Dez das doze entrevistadas, entre solteiras e separadas, moravam com a família de origem. Somente as duas casadas haviam saído do lar e permaneciam com sua nova família.

Na análise das exposições das mulheres identifiquei três fenômenos comuns em suas experiências: “tornando-se desempregada” ou “tornando-se trabalhadora”, “tornando-se mãe” e “tornando-se aluna”. Essas categorias explicitam a difícil e desafiante coexistência dos diferentes papéis desempenhados que incluía, em primeiro lugar, suas responsabilidades no sustento econômico do lar no caso de encontrar um emprego. Tanto a mulher trabalhadora como a desempregada continuam a ter um papel central na conservação e organização do

lar. No caso das mulheres que são mães cabe uma dupla responsabilidade: a educação da prole e a procura de uma oportunidade melhor de trabalho ou de aprimorar as condições para pretender algum. Assim, elas devem assessorar e acompanhar a escolaridade dos filhos, ao mesmo tempo que tentam dar continuidade a seu próprio processo de escolarização. Como assinala Vanesa, 28 anos e desempregada, ela continua a estudar porque é necessário tanto para o presente quanto para o futuro de seus filhos.

Os relatos das entrevistadas revelam duas experiências comuns: ter abandonado o ensino médio em algum momento e ter repetido algum ano do ensino fundamental. Porém, o que também as identifica é o fato de terem superado ou estarem tentando superar essas duas rupturas na sua história escolar. Tanto a perda de algum dos pais como a separação dos mesmos ou a desvalorização do estudo, como sucede no caso de uma das estudantes, filha de pais trabalhadores rurais, pareceriam contribuir para um enfraquecimento do investimento na educação escolar. Do mesmo modo, a necessidade de sair para trabalhar cedo para ajudar a família ou para satisfazer as próprias necessidades no período da adolescência e da juventude interfere na continuidade dos estudos, fazendo que o seu interesse fosse deslocado para outras metas.

Também foi possível identificar que, tanto nos casos das “mães-alunas” como nos das “filhas-alunas”, se observa - como diz Bourdieu - um trabalho de inculcação sistemática das mães que enfatizavam a relevância de ampliar tanto quanto possível o tempo de escolarização da prole. As mulheres, fossem ou não mães no momento da entrevista, eram conscientes de que através da linha materna se inscrevem, tanto no plano simbólico como nas práticas mesmas, as disposições específicas para conseguir um mínimo de desempenho escolar, particularmente, pela ausência de referência do pai no que tange a essa tarefa. O acompanhamento nas tarefas escolares e a procura de elementos materiais necessários para resolver as demandas das professoras e dos professores constituem as estratégias básicas das mães.

Em geral, as alunas tentam adotar uma posição exemplar em relação aos filhos, acreditando que isso tem repercussões na escolarização. Elas devem estudar e devem fazer com que os filhos estudem. A mãe de Sabrina³, 25 anos de

³ Ver neste capítulo o texto *Do trabalho ao desemprego e do desemprego à escola*, contendo algumas das principais questões da entrevista a Sabrina.

idade e desempregada, trabalhou toda sua vida como empregada doméstica e não conseguiu completar o ensino fundamental. Ainda assim, estimulava as suas filhas a concluir a escola e as auxiliava nas tarefas escolares, “hacía las cuentas, todo ella”, lembra Sabrina. Agora ela, além de estudar, ensina a seus filhos ainda pequenos as noções básicas para o ingresso no ensino fundamental.

Já Natalia afirma não conseguir acompanhar os seus dois filhos nos deveres escolares, pois está sempre tentando resolver os problemas da subsistência do dia a dia. Apesar disso, comenta com eles as coisas que ela faz na escola e suas qualificações escolares e, às vezes, compartilham o tempo de estudo.

Os argumentos de Alejandra, 27 anos, casada com dois filhos e cursando o primeiro ano do ensino médio, em favor da importância do exemplo materno para o sucesso escolar dos filhos resultam dela mesma ter tido a experiência oposta. Assim, enfatiza

yo no quiero que mis hijos me vean a mí como que yo nunca puse interés ni en mí, porque el interés de los padres es también para los hijos, porque ellos te toman como ejemplo cuando crecen. Yo por ejemplo, un ejemplo bueno de mis padres no tengo, porque nunca me inculcaron a que vaya a estudiar, nunca me apoyaron cuando quise empezar a estudiar enfermería, cuando quería terminar la secundaria, nunca me apoyaron. Para ellos lo importante era trabajar y no estudiar.

Nenhum de seus pais tiveram, nem têm, interesse algum pela escolarização das filhas. Ressalta que sua mãe, trabalhadora rural, “nunca pôs interesse no estudo, foi sempre ajudar a fazer as coisas do lar, ela trabalhava e a gente tinha que se fazer responsável da casa, da limpeza, da cozinha, das tarefas de jardinagem, da horta, todas essas coisas, sempre”. Na sua percepção os pais “nunca puseram interesse nem sequer neles mesmos, em dizer bom, vamos sair adiante, que as crianças estudem e que elas saiam adiante, não puseram interesse em nós”. Neste caso a ausência de investimento familiar (“não tinha tempo para estudar”, “não tinha materiais de estudo”, “nem podia sair com as amigas ou os colegas para estudar”) na educação dos filhos junto a outro conjunto de disposições (“sempre teve interesse em estudar”) e experiências (“não tínhamos tempo de olhar a TV”, “não tínhamos liberdade de expressão, de dizer o que queríamos”, “não tínhamos decisão própria”) contribuiu para o desenvolvimento de predisposições diferentes daquelas desenvolvidas por sua família no meio rural. E, além do mais, acrescentou que

Mis viejos nos veían a nosotras, como no tenían niño, somos cinco mujeres, nunca tuvo hijos varones, él nos veía a nosotras como un varón, no tenía quien lo ayudara, nos tomaba como que nosotras teníamos que hacer todo. No teníamos tiempo como para decir nos sentamos a estudiar porque era como que decía: “¿Qué estás haciendo?”. No era importante para ellos que nos sentáramos a estudiar, nos quitaba tiempo para hacer algo importante. Para ellos siempre fueron más importantes las tareas de la casa que agarrar un libro y sentarse a leer. No teníamos tiempo tampoco de sentarnos a mirar la televisión porque tampoco nos permitían. Un poco que nos oprimían, no teníamos la libertad de expresarnos, de decir lo que queríamos, lo único importante para ellos era o ir a traer la plata a la casa o hacer en la casa todo lo que había que hacer en la casa. No podíamos decidir por nosotros.

Apesar do contexto, desenvolveram-se modelos diferentes sobre o que se entende por ajuda e acompanhamento da vida escolar. Algumas mães das alunas entrevistadas desempenhavam um papel proeminente e muito presente no que se refere à realização das atividades escolares. Micaela⁴, 19 anos, está desempregada, começou a escola porque sua mãe quer que ela a termine. Não gosta de ler, porém sua mãe gosta muito e é ela quem lê os livros da escola e explica o conteúdo para a filha. Essa atitude se aplica à formação cultural geral de Micaela, já que também abarca o conteúdo de revistas, livros e jornais.

Em outros casos, as mães promovem atitudes de responsabilidade e autonomia nas suas filhas, desenvolvendo alguma forma de controle que não inclui a ajuda específica nas tarefas. Silvina fez 21 anos e mora com sua mãe. Seu pai morreu recentemente. São nove irmãos dos quais somente cinco continuam a viver junto à mãe na casa familiar. A família se sustenta com a contribuição de um familiar que mora na Europa. Ela passa muito tempo com sua avó, seus irmãos e os sobrinhos. A mãe ajudava nas tarefas escolares até pouco tempo, mas, na atualidade, ela consegue fazê-las sozinha. No entanto, sua mãe continua a monitorar sua situação na escola. A escola se constitui num tema das conversas entre mãe e filha na tentativa de manter um controle ativo da assistência e do desempenho.

Erika, 25 anos cursando o 2º ano do ensino médio, conta que sua mãe completou o ensino fundamental e seu pai iniciou a escola média, mas não a finalizou. Ela encontra com sua mãe todos os dias e compartilham o almoço já que as duas trabalham fazendo tarefas de limpeza no mesmo horário e a pouca

⁴ Ver neste capítulo o texto *Um mundo muito familiar*, contendo algumas das principais questões da entrevista a Micaela.

distância. Sua mãe também foi empregada de comércio durante uns sete anos e faz catorze anos que seu pai é bombeiro do estaleiro estatal, tendo sido pedreiro. Fora da escola e do trabalho, seu tempo está basicamente repartido entre seus pais, seu filho, sua irmã e os amigos e vizinhos. Ela fala muito com sua mãe, quem lhe pergunta sempre pelas coisas da escola. Se por algum motivo ela não frequenta a escola, sua mãe insiste em que não faça isso porque “quer muito que termine os estudos”. As duas pensam o mesmo da escola “que ajuda a ter um trabalho melhor e a crescer como pessoa”. Segundo Érika a escola ensina muitas coisas, “não somente no nível intelectual, também ao conversar com um colega, com um professor das experiências de cada um e as coisas que a gente escuta e que a gente vê, a levam a crescer porque de todas essas coisas toma um exemplo”.

As mulheres manifestam o princípio que qualquer aprendizagem no espaço tanto familiar como escolar se produz através dos exemplos. No entanto, as lições exemplificadoras só podem ser incorporadas pelos agentes de acordo com sua opção. Estas também estão presentes quando se trata de explicar os processos educativos no espaço familiar. Por isso, elas mesmas devem dar o exemplo como alunas.

A outra estratégia das mães é a de investir em comprar ou, frente à falta de dinheiro, juntar livros didáticos, enciclopédias e dicionários. Elas acham esta operação importante tanto para seu bom desempenho como alunas, como para os seus filhos. Um princípio básico que orienta suas estratégias educativas é o de garantir a presença de livros na residência. A maior parte das entrevistadas dispõe de livros didáticos, enciclopédias e outro tipo de livros no seu lar. Elas desenvolvem distintas táticas para conseguir ter livros ou outras fontes que possam ser de utilidade para as atividades escolares. Romina, com 19 anos e fazendo o primeiro ano da escola técnica, mora com sua família e tanto ela como sua mãe recebem um plano da assistência social. Ela possui livros de leitura e outros livros didáticos de diferentes disciplinas e também tem algumas novelas.

Paula⁵ lê livros, alguns títulos são recomendados e emprestados pelas amigas e outros ela mesma tenta procurar. Ela diz que o último livro que leu foi “um de contos, *O diário de Anna Frank*” e gostou muito. Além disso, lê livros de auto-ajuda e outros que recomendaram na escola dos quais tem fotocópia. Ao

⁵ Ver neste capítulo o texto *A relevância dos outros*, contendo algumas das principais questões da entrevista a Paula.

mesmo tempo possui outros livros como manuais escolares, enciclopédias e dicionários.

Sabrina investe há mais de três anos uma porcentagem do que recebe da assistência social na compra parcelada de enciclopédias de um vendedor ambulante⁶. Ao mesmo tempo, ela faz uso ativo de uma das bibliotecas públicas da cidade que considera responder mais a suas necessidades educativas.

Alejandra está comprando aos poucos a coleção dos livros de Ernesto Sábato, o último que está lendo, “todos os dias um pouco”, é *Abadón, el exterminador*. Seus outros livros são de poesia e romances. Ela lembra que quando era pequena não tinha livros na sua casa. Também compra, um dia por semana, um jornal nacional que traz uma compilação de livros que abordam diferentes temas como história, tecnologia, biologia etc.

Vanesa também declara possuir e ler novelas de Ernesto Sábato e de Agatha Christie. Junto a isso e devido à influência de sua mãe ela já leu poesia de Pablo Neruda, Gustavo Adolfo Bécquer e Juana de Ibarbouru. Também de Maria Elena Walsh porque “tenho um livro que é uma coletânea de poesias de distintos autores e depois tenho uns livros produzidos pela escola básica⁷, que incluem poesias de crianças que foram escolhidas entre todos os meninos que escreveram, as melhores poesias”. Contudo, na atualidade, ela consulta mais assiduamente enciclopédias por causa dos trabalhos da escola seus e de seus filhos também. Além destas atividades, gosta de escrever poemas de amor ou dedicados a seus filhos.

Além disso, Érika e Paula e algumas outras entrevistadas escrevem sobre suas experiências, sobre o que “acontece na sua vida”. A atividade da escrita expressiva está associada a um uso íntimo e libertador da palavra ou relacionada com o artístico através de uma visão idealizada e romântica. O principal objetivo deste tipo de escrita é o de refletir sobre aspectos da própria vida para se compreender e para encontrar respostas, para se desafogar. Estas afirmações se relacionam com uma concepção da escrita que a vincula a aspectos mais pessoais, mais íntimos do sujeito, como modo de “expressar os sentimentos”. Concebe-se a

⁶ A figura dos vendedores de livros porta a porta, particularmente de livros escolares, continua presente nos bairros populares. O pagamento em parcelas sem nenhuma garantia faz com que o custo final dos mesmos seja muito alto.

⁷ Uma escola de ensino fundamental da cidade editou um pequeno livro com poesias das alunas e dos alunos.

escrita como reflexo da subjetividade. A partir desta postura, se estabelecem as diferenças com a escrita que se produz no contexto das atividades escolares. Como assinalado anteriormente nas entrevistas, as alunas ressaltaram a visão de que a experiência escolar e, particularmente, a aquisição de conhecimentos, as faz crescer como pessoas e se abrir a outros interesses. As atividades da escrita estão relacionadas com a possibilidade de gerar e modificar o conhecimento sobre si mesmo e sobre os outros (Concari, 2005).

Outro aspecto em comum entre as entrevistadas é a leitura diária de jornais, geralmente o jornal local comprado por algum familiar ou vizinho. Esses textos também são consultados no caso das tarefas escolares. Alejandra tem a possibilidade de comprar o jornal local quase todos os dias e separa as matérias referidas a saúde, história etc e as arquiva para dispor de informação.

Em alguns casos lêem algum jornal nacional no fim de semana. No entanto, são as revistas de diferente tipo as mais lidas, além dos jornais locais. A seção de política, as notícias policiais e os anúncios de emprego constituem as preferências de leitura entre as mulheres. Érika prefere ler jornais e revistas porque gosta de estar atualizada em relação aos acontecimentos como, por exemplo, as notícias policiais no diário local. Também se informa da vida das pessoas famosas e das novelas lendo uma revista de interesse geral que acompanha um jornal nacional nos domingos e que consegue através de um vizinho. A informação dos acontecimentos do viver cotidiano constitui parte importante no estabelecimento das redes de relações que se estabelecem tanto com a família como com amigos, colegas de escola e vizinhança, participando na definição tanto do seu conteúdo como da sua forma.

4.2.2. A experiência das mulheres com as TIC

Das doze mulheres entrevistadas, a metade delas diz ter conhecimentos de informática e fazer uso do computador. Quase todas afirmam que este constitui um recurso imprescindível, tanto para a escola como para acrescentar possibilidades de emprego, e que gostariam de ter conexão à Internet. Entre as dificuldades expostas pelas demais entrevistadas encontram-se as financeiras, a ausência de conhecimentos de informática, a falta de tempo, a carência de telefone fixo para conexão à Internet e o pouco interesse ou gosto pela atividade. Junto a

isso, o fato de ter de se locomover a um ciber já representa um obstáculo em si mesmo e faz com que, por exemplo, informar-se por meio de livros didáticos ou enciclopédias se situe numa posição hierárquica superior à consulta na Internet.

Todas assinalaram que somente consultam a rede, seja por elas mesmas ou por meio de outra pessoa que as ajude (amiga, familiar, cônjuge), no caso de não encontrar a informação necessária nos livros disponíveis. Em geral, as mulheres dizem ver no computador duas utilidades principais: fazer trabalhos escolares tanto delas como dos filhos e para questões relativas à procura de emprego e aos programas de assistência social. Sendo assim, o computador para elas é um recurso importante, na medida em que podem resolver assuntos do dia-a-dia.

Micaela, com as mulheres da sua família, consulta os sites de compra e venda que fazem leilões e as páginas dos planos de ajuda social. Se for necessário, também procura informação na Internet para completar alguma tarefa da escola. Lembra que a última vez que ingressou na rede foi para um trabalho escolar de geografia, mas o fez somente pelo fato de não achar o conteúdo nos livros. Na escola estiveram uma vez só na sala de computação e ressalta: “Internet não me chama muito a atenção”.

Romina concluiu há dois anos um curso de operadora de PC, através do qual alcançou um certificado, porque para trabalhar “esse conhecimento é tão importante como o ensino médio”, sublinha. Aprendeu diferentes programas como Word, Excel, Power Point, etc. Ela o fez numa instituição privada religiosa que oferece cursos de formação profissional e técnica. Aos doze anos tinha feito um curso de artes gráficas, com dois anos de duração, e o ano próximo tem planejado fazer administração e contabilidade “porque não pedem somente operadora de PC, pedem mais, como conhecimentos de contabilidade e administração”. Houve um tempo no qual ela gostava de entrar na Internet para participar do bate-papo e usar o correio, mas afirma não gostar mais. Na atualidade, suas visitas ao ciber se relacionam com a procura de trabalho, por exemplo, fazer um currículo e imprimir umas cópias.

Já Érika diz não gostar de ler nem tampouco da informática. Quando necessita fazer alguma tarefa escolar pede ajuda a uma amiga ou a um familiar para consultar a enciclopédia no computador. Ela tem manuais escolares e enciclopédias que qualifica de “velhas”, embora as use de vez em quando. Não tem telefone fixo, somente celular.

No que se refere às relações sociais, as mulheres preferem os contatos cara a cara e as mensagens pelos celulares. Uma pequena parte das entrevistadas assinalou o espaço virtual como um lugar para o estabelecimento ou a continuação das relações sociais. Para algumas alunas, esta é uma atividade que atrai pessoas de uma certa idade como os adolescentes ou durante certo tempo. Paula e suas amigas gostavam do bate-papo na Internet e freqüentavam muito o ciber. No entanto, já faz quatro meses que ela deixou de gostar da atividade, a emoção das salas de bate-papo se perdeu, “já foi”, diz ela. Agora somente usa o computador do ciber ou de um familiar para fazer algumas tarefas da escola.

Num movimento contrário, Silvina continua a participar das salas de bate-papo e gosta de navegar pela Internet, mas não dos jogos em rede. Freqüenta distintos ciber para checar sua conta do Hotmail. Com ela se conecta com seu tio que mora na Europa, com um amigo de uma localidade próxima, com seus primos que moram numa cidade mais distante e outros conhecidos que vivem num país vizinho. Também troca mensagens com seu irmão que lidera uma banda de música e envia para ela as datas de apresentação do grupo em bares e clubes. Ela já teve a experiência de se relacionar com um menino no bate-papo, mas não quis conhecê-lo e, em outra oportunidade junto a uma amiga até marcaram um encontro com dois jovens, porém finalmente desistiram. Ela diz ter ficado impressionada com a experiência de uma vizinha que, quando foi se encontrar com uma pessoa que conheceu no bate-papo, ficou muito decepcionada, “encontrou-se com outra pessoa”, declara com ênfase. No entanto, ela ressalta que está perdendo progressivamente o entusiasmo pela atividade. Não faz tarefas da escola no computador e assinala que quase nunca vê outros jovens realizarem as tarefas da escola nos locais que freqüenta. O pai, que morreu recentemente e era empregado do serviço penitenciário, tinha comprado um computador alguns anos antes. Atualmente é seu irmão menor que o aproveita para os jogos. Antigamente ela o empregava “para armazenar trabalhos arquivados em pastas”, mas já não o faz.

Silvina lembra que na escola de adultos somente duas vezes trabalhou na sala de informática. A pouca atividade no computador é um dado que as alunas mencionam com certa freqüência, mas não fazem nenhum juízo explícito a respeito desta questão, por outro lado, elas acreditam que o uso do computador é importante, tanto para seu presente como para seu futuro. A menção da escassa

atividade escolar em relação à informática parece expressar desconformidade com essa situação comum a todas as instituições pesquisadas.

O telefone celular é o recurso mais usado pelas alunas para diversas situações da vida de todos os dias. Assim, o controle dos filhos, a relação com o cônjuge ou namorado, os contatos com a família - particularmente com as mães -, os encontros com amigos e amigas e com os colegas da escola constituem os motivos habituais das mensagens, em primeiro lugar, e das ligações, em menor medida.

Observei que mesmo quando as normas de convivência acertadas com as estudantes limitavam o uso do celular durante as aulas isso não se cumpria e elas ficavam olhando as telas dos aparelhos a cada momento. De fato, ficar prestando atenção à professora e ao professor e também às comunicações recebidas pelo celular constitui uma prática comum entre os jovens sem que isso pareça gerar nenhuma consequência sobre a possibilidade de seguir o conteúdo das aulas.

Neste ponto minhas observações dos grupos das camadas populares estão de acordo com as realizadas por Brandão (2005) em seu artigo “Desatenção ou novos estilos de cognição?”, em que analisa as práticas e disposições juvenis nas salas de aula de uma escola de elite:

Certamente faltavam-nos algumas chaves para a compreensão dessa conexão/desconexão dos alunos observadas nas salas de aula. Pouco a pouco fomos formulando uma hipótese sobre as prováveis modificações dos padrões de cognição entre os jovens (quando reportados aos padrões experimentados pelos professores e gerações anteriores) que responderiam algumas de nossas interrogações. A literatura pertinente já vem apontando há muito tempo o impacto, sobre a vida e lazeres dos jovens, das novas tecnologias e da mídia. O “zapping” mudando constantemente as imagens e os sons, provavelmente desenvolveu subjetividades inquietas, pouco centradas, mas, provavelmente, bem mais capazes que as gerações anteriores, de captar instantaneamente configurações sequer pressentidas por aqueles que tinham uma inteligência marcadamente “focal”. Esta permanente circulação imagética e sonora provavelmente estaria construindo uma nova lógica, um *habitus*, de codificação/decodificação de discursos: fragmentários, plásticos, versáteis... O estar “plugado” em várias atividades simultaneamente (TV, internet, telefone e, ao mesmo tempo comendo e procurando um disco...) transitando permanente e concomitantemente em diversos “canais” estaria formatando um novo estilo de cognição. Os adultos (professores, pais, pesquisadores) ao avaliar a atenção dos jovens com base em suas experiências quando jovens e estudantes, não estariam encontrando os “sinais” de atenção e interesse que aprenderam a reconhecer como condições de aprendizagem (p. 6-7)

A disposição de estar “plugada” em vários “sites” no dia-a-dia da vida real forma parte da velocidade e da fragmentação em que se desenvolve a vida das jovens pesquisadas e elas as têm incorporadas. Ainda na situação de desemprego e, às vezes, por esse mesmo motivo, são muitas as atividades e relações que precisam ser desenvolvidas para resolver os problemas de subsistência e, ao mesmo tempo, sustentar a vida familiar, social e escolar. Dir-se-ia que ou bem se está “hiperconectada” ou é quase impossível já nem sequer progredir, mas minimamente se manter.

As jovens dizem fazer uso do celular para se conectar com a família, especialmente com as mães, os filhos ou cônjuges. Também dizem enviar mensagens a familiares ou amigos em localidades vizinhas ou mais distantes. Os motivos principais das comunicações são os de saber onde se encontram ou as condições nas quais se encontram seus familiares, ou acertar saídas com amigas e amigos, resolver tarefas com os colegas da escola e as questões de trabalho. Silvina diz mandar “muitas mensagens para lhes perguntar como estão ou para falar”. Acredita que o celular não mudou sua vida e que agora não chama tanto sua atenção. Vanesa troca mensagens com sua família “porque estou trabalhando e pode acontecer alguma coisa com meus filhos, ou com meus amigos para perguntar-nos algo da escola ou em que momento a gente vai se encontrar ou com aqueles amigos que não vejo todos os dias porque cada um tem suas atividades, para pergunta-nos como é que a gente está”

A conectividade das jovens se completa com a TV. As entrevistadas assistem a programas da TV aberta e a cabo. Este último serviço está disponível nos lares de quase todas as jovens pesquisadas. Somente em dois casos responderam negativamente. O consumo feminino está composto pelos jornais de notícias locais e nacionais, novelas e filmes. Esta última categoria também é consumida através do vídeo ou DVD, já que a grande circulação gerada pelo mercado de cópias pirateadas ou obtidas da Internet faz com que conheçam as últimas estreias⁸.

⁸ Ver neste capítulo os textos *Um mundo muito familiar*, contendo algumas das principais questões da entrevista a Micaela e *A relevância dos outros*, contendo algumas das principais questões da entrevista a Paula.

4.2.3. As relações com os outros: amizade, vizinhança e colegas da escola.

Um assunto comum nos relatos das alunas se refere à vida escolar. Este tema está sempre presente nos intercâmbios e conversações com amigas, amigos, vizinhos e colegas. Este dado ajustava-se aos indícios evidenciados pelo questionário que indicava a predisposição das mulheres para o desenvolvimento de relações de sociabilidade fora da família e a compartilhar mais tempo com as amigas, os amigos e vizinhos se comparadas com os homens.

No viver cotidiano as alunas conversam sobre problemas que requerem a ajuda mútua, como o cuidado dos filhos e a troca de informações referidas às possibilidades de emprego, a ajuda social e as dificuldades econômicas. Também entre elas um dos temas centrais são as relações com os homens. Nos encontros com amigas, amigos e vizinhos que também têm filhos, Sabrina e Alejandra, as duas casadas, se encontram para comer e falar das coisas que acontecem no bairro e na escola dos filhos, entre outras questões.

As mais jovens juntam-se com amigas e amigos para escutar música, sair para dançar, ir a bares e assistir filmes. Assim, Paula assinala que, quando não está ajudando a sua família ou na escola, gosta de ficar com as amigas. Ela prefere não ficar só. Tenta estar sempre acompanhada por alguma delas. Convida-as a sua casa ou as visita. Quase todas elas estão finalizando a escola e são solteiras. Às vezes saem para dançar e freqüentemente vão a algum bar para não voltar muito tarde da noite. Em outras oportunidades se encontram na casa de alguma delas para comer, falar e assistir filmes. Elas conversam sobre rapazes, de questões que passam na TV, dos problemas de cada uma e tentam se ajudar. Paula declara ficar muito triste com os problemas econômicos da família e falar com as amigas a faz sentir-se melhor e assim, “tenta dar-se conta das coisas e então pensar de outra maneira”.

Érika aproveita os fins de semana que o filho fica com o pai para ir à casa dos amigos e amigas, falar do trabalho e da escola, escutar música e comer. Também sai para dançar.

Os assuntos relativos à escola referem-se a situação nas avaliações, o perfil dos professores, a relação com os colegas e a realização dos trabalhos escolares. Paula relata que com suas amigas, às vezes, conversa sobre a escola. Comentam

sobre as notas que obtiveram e verificam quais delas estão mais bem posicionadas em cada disciplina. Afirma que algumas amigas “dizem que termine a escola porque depois não vou poder terminá-la, não vou poder achar trabalho e falamos para incentivar às outras a freqüentar a escola, para que possam terminar a escola”. Também falam dos professores, qual deles é melhor e qual ajuda mais. Ela está satisfeita com quase todos os professores agora que está na escola de adultos. Ajudam, explicam, escutam e respondem a todas as perguntas. Sente que na escola se pode falar abertamente e isso a faz sentir-se bem.

Do mesmo modo, Érika ressalta a importância da escola para conhecer pessoas novas. Ela fez novas amizades e participa de um grupo de nove ou dez colegas com as quais fica o tempo todo e se ajudam nas tarefas. Quando ela não freqüenta a escola por algum motivo, seus colegas enviam mensagens perguntando como ela está e porque não está comparecendo. Ela diz que as novas amizades a impulsionam a seguir estudando. Na escola trabalham juntos e com alguns deles se encontram para estudar fora da escola. Contudo, dos integrantes do grupo de amigas e amigos que ela conheceu fora da escola somente um freqüenta a escola, já que os outros deixaram de estudar e ficaram trabalhando. No entanto, os(as) amigos(as) que abandonaram a escola acreditam que a presença na escola é boa para ela e muitos deles reconhecem que deveriam ter continuado os estudos.

No caso, Paula afirma ter poucos amigos, apenas três ou quatro, mas que dois deles ela conheceu na escola. Juntam-se para comer, conversar e sair para dançar. Com os colegas conversa sobre as coisas que acontecem na escola e se encontram para estudar.

Às vezes as relações estão delimitadas pelo perfil das pessoas com as quais as mulheres mantêm amizade ou outro tipo de relacionamento. Silvina, por exemplo, guarda distância. Ela tem um amigo relacionado com as drogas, mas acredita ser uma prática que de nenhuma forma compartilharia. Porém, Ana, 21 anos, desempregada, separada e com um filho, acredita que as questões da amizade dependem do caráter e também das qualidades das pessoas. Ela cursa o 2º ano da escola técnica e adverte que quando conhece qualquer menino a primeira pergunta que fazem é se ela estuda, em que ano está e se trabalha. Mas, na sua visão, essa informação também é muito importante para estabelecer alguma relação. Assim, argumenta, “já tive a experiência, não julgo que todos sejam

iguais, mas o tema é a ignorância. O pai do meu filho lamentavelmente deixou o ensino fundamental. Quando me juntei, ele não sabia nem ler nem escrever, era um menino muito ignorante e tal vez isso trouxesse os problemas porque não conseguia um bom trabalho, exploravam-lhe por dez bilhetes, não entendia, não entendia as razões, a gente queria lhe explicar como as coisas aconteciam na Argentina, como era possível progredir e não se podia com ele porque não entendia, não lhe entrava, sabia pelear de outra maneira, aos golpes, com mão de obra, trabalho duro e o importante é o estudo”.

Nas exposições das alunas deixava-se entrever, por um lado, a importância de contar com relações de amizade que apoiassem a escolha e pudessem, em alguns casos, contribuir para resolver algumas tarefas ligadas à escolarização. E, por outro lado, que a posição de distanciamento ou a perda de uma amizade dava-se em razão das diferenças de caráter ou de visão da vida, ou, como deixavam vislumbrar algumas das entrevistadas, pela ausência de caráter. Ana ressalta que muitas coisas dependem “do caráter que a gente tem”, então questões como a possibilidade de fazer amizades ou de continuar na escola depende dele. Como assinala Sennett (2000),

El carácter se centra en particular en el aspecto duradero, “a largo plazo”, de nuestra experiencia emocional. El carácter se expresa por la lealtad y el compromiso mutuo, bien a través de la búsqueda de objetivos a largo plazo, bien por la práctica de postergar la gratificación en función de un objetivo futuro. De la confusión de sentimientos en que todos vivimos en un momento cualquiera, intentamos salvar y sostener algunos; estos sentimientos sostenibles serán los que sirvan a nuestro carácter. El carácter se relaciona con los rasgos personales que valoramos en nosotros mismos y por los que queremos ser valorados.

¿Cómo decidimos lo que es de valor duradero en nosotros en una sociedad impaciente y centrada en lo inmediato? ¿Cómo perseguir metas a largo plazo en una economía entregada al corto plazo? ¿Cómo sostener la lealtad y el compromiso recíproco en instituciones que están en continua desintegración o reorganización? Éstas son las cuestiones relativas al carácter que plantea el nuevo capitalismo flexible. (p. 10)

Precisamente, mesmo que as alunas partilhem condições de vida similares com muitas das jovens que não frequentam a escola ou que nem sequer tentam voltar a ela, uma das diferenças centrais é que entre as jovens pesquisadas a escolarização representa um processo no qual melhoram sua auto-estima e onde podem desenvolver algum sentido de oportunidade para o futuro.

4.2.4. Três esboços: vidas de alunas

Do trabalho ao desemprego e do desemprego à escola

Sabrina tem vinte e cinco anos e cursa o segundo ano da escola técnica. A mãe dela trabalhou toda sua vida como empregada doméstica e não conseguiu completar o ensino fundamental. Ainda assim, estimulava as suas filhas a concluir a escola e as auxiliava nas tarefas escolares, “fazia as contas, tudo ela”, lembra Sabrina. Seu pai morreu quando era ainda muito pequena e sua mãe voltou a se casar. Após um tempo conseguiram ter um pequeno comércio com o objetivo de aumentar os rendimentos familiares. Apesar do grupo familiar ter se mudado de casa em várias oportunidades, ocasionando a passagem de Sabrina por três escolas diferentes, ela ressalta que isso não foi impedimento para “fazer uma boa escola” porque fez todos os anos “de primeiro a sétimo sem repetir nenhum”. Porém diz não conservar nenhuma lembrança desse período. Apesar de ter chegado a fazer a inscrição para ingressar na escola de ensino médio não pode iniciar “porque não tinha nem papel o dia que tinha que começar as aulas”. A partir deste momento sua vida foi ajudar nas tarefas do lar e trabalhar.

Aos vinte anos casou-se e passou a só pensar em trabalhar. Nunca pensou em voltar para a escola porque “queria trabalhar e trabalhar e trabalhar”. O cônjuge finalizou os estudos secundários, mas deixou incompletos os estudos superiores. Trabalhava durante as noites como contratado na maior empresa petroquímica da região. Faz sete anos que alugaram uma casa. Tiveram dois filhos, um de cinco anos que frequenta o pré-escolar e outro de três anos. Sabrina está ensinando ao maior de seus filhos a somar e subtrair, a escrever o nome e as vogais com o objetivo de prepará-lo para o ensino fundamental.

Dentro da mesma companhia na que trabalha seu marido, outra empresa havia contratado a Sabrina. Ela permaneceu ali três anos até que foi demitida durante a crise de 2001. Nesse momento ela estava grávida e acha que os argumentos da empresa foram somente uma justificativa para “botar alguém em seu lugar”. A partir deste momento até hoje ela não conseguiu mais trabalho mas, em nenhum momento, deixou de procurar emprego de “qualquer coisa”. Há

quatro anos que recebe um plano de assistência social que obteve através da informação de uma amiga sua parente .

Às vezes junta-se com amigos e vizinhos para cozinhar e falar das coisas que acontecem no bairro. Mesmo assim, a maior parte do tempo passava com os filhos, inclusive os fins de semana. Assim, ficava somente tomando conta dos filhos até que, após muitas discussões, o marido a convenceu a voltar para a escola já que a situação de desemprego continuava. Acredita que se não fosse pela falta de emprego, pela redução das oportunidades de trabalho e pela exigência do certificado de estudos secundários, não teria pensado em continuar a escola.

O ano passado começou o primeiro ano do ensino técnico para adultos e no primeiro dia de escola “tinha medo de tudo”, de inglês, de matemática, porque “tinha esquecido de tudo”. Apesar das dificuldades dos primeiros dias, perseverou porque pensou “ou faço agora ou não faço mais”. Também teve outros problemas na escola, já que quase foi expulsa por causa de um incidente de violência verbal e física com uma colega.

Acredita que obtendo o certificado de ensino médio poderá ela também ajudar a seus filhos nas tarefas da escola e não depender tanto do cônjuge. Na escola está comparecendo às aulas de informática, mas diz não saber agir na Internet. Gostaria de ter computador e conexão à Internet na sua casa. Declara não possuir telefone fixo, somente celular. Seu marido frequenta o ciber porque faz operações no banco e desenvolve atividades relacionadas com o trabalho.

Uma parte do plano de ajuda social está destinada a comprar enciclopédias para ela e seus filhos. Até hoje conseguiu comprar uma, pagando em muitas parcelas, de um vendedor de livros de porta a porta. “Assim como agora não tenho para pagar os medicamentos, o dia de amanhã meu filho necessitará tal livro e terei de sair para procurá-lo” e “agora sou eu quem necessita dos livros, uso todos”, ressalta Sabrina. “Todos falam que ninguém compra enciclopédias hoje em dia”, mas ela não acredita que seja a única que as compra. Oferece o exemplo de seu filho que está no pré-escolar e teve que aprender o corpo humano. Ela procurou na enciclopédia e devido a isso “ele sabe que temos músculos e ossos”. Sabrina também é sócia da biblioteca de um clube e dali retira os livros para as disciplinas escolares, como inglês e matemática.

Segundo ela o melhor da escola é o descanso das tarefas domésticas. Conversa com seu esposo sobre as questões da escola, sobre todos os temas de

estudo. A outra pessoa com quem conversa da escola é uma vizinha, amiga e única colega da escola com a qual se relaciona. Visitam-se, às vezes fazem juntas a tarefa e, em outras oportunidades, esta vizinha até toma conta de seus filhos. Ela e o marido são seus principais apoios no momento de resolver as atividades escolares.

Partilha o serviço de TV a cabo com uma vizinha com quem também se encontra para conversar. Quando não está na escola gosta de ver as novelas (no momento de nosso encontro seguia três novelas durante o dia: uma argentina, uma mexicana e uma brasileira e duas à noite) e os jornais da televisão. Assiste a dois programas de notícias, um local produzido pela TV a cabo e que também oferece informação de oportunidades de emprego e outro nacional, da TV aberta. Também gosta dos filmes da TV a cabo e alguns dos que mais gostou foram “A paixão de Cristo” e “Titanic”, porque são tristes e a fazem chorar.

Seu sonho é ter trabalho para ter a liberdade de comprar o que quer e necessita sem estar dependendo de um único salário para viver, alugar, pagar o crédito do refrigerador, “para tudo”.

Um mundo muito familiar

Micaela tem dezenove anos e está fazendo o primeiro ano de adultos na escola técnica. Quando estava no ensino fundamental repetiu a segunda série e continuou até a oitava. Faltando um pouco mais de um ano para finalizar, deixou a escola. Aos dezessete anos saiu para trabalhar numa discoteca durante as noites. Também começou a cursar o ensino fundamental de adultos para finalizar esta etapa da escolarização, fato que ocorreu um ano antes do nosso encontro. Nesse período também namorava o filho do patrão. Faz alguns meses nasceu seu primeiro filho, ela é mãe solteira e enfatiza que “o pai nunca o reconheceu”.

Mora numa das duas casas construídas no terreno da família junto a sua mãe, sua irmã, o cunhado e o sobrinho. Na outra reside outro irmão com a mulher e os três filhos. Sua mãe conseguiu terminar tanto o ensino fundamental quanto o ensino médio e trabalha como funcionária administrativa do estado. Está separada do pai de Micaela desde que ela tinha sete anos. Ele também concluiu o ensino

fundamental, trabalha no mercado regional e ajuda na criação do filho de Micaela. A mãe é a responsável pela sua conclusão do ensino fundamental e também pela continuação do ensino médio.

Os pais fornecem o apoio para que Micaela finalize a escola técnica. Lembra que se não fosse pela insistência da família não iria à escola. Os temas da escola são conversados e resolvidos com a família que monitora o dia a dia de seu percurso escolar. Afirma que “me ajudam quando não entendo alguma coisa”, “todos me ajudam muito”. Agora a escola é importante na sua vida porque “faz com que esqueça todos os problemas que tenho, porque quando estou na escola, os colegas não deixam que a gente pense o que acontece em casa, a gente ri o tempo todo”.

Micaela tentou conseguir um plano de ajuda social dentro e fora do município, mas ainda não a chamaram. Sua irmã recebe o auxílio social. A principal fonte de renda da família é o salário da mãe, que representa um pouco mais da metade da cesta básica. Micaela continua procurando trabalho, mas não consegue. Quer ajudar porque são muitos para viver com um salário. A maior parte do tempo ela o partilha com a família. Não gosta de ler, porém sua mãe gosta muito, é ela quem lê os livros da escola e conta para sua filha o conteúdo. Na sua casa há muitos livros didáticos. Além disso, também sua mãe lhe explica as notícias dos jornais e das revistas. Algumas vezes lê o jornal, mas “muito por cima”. Na casa tem TV a cabo. Assiste frequentemente filmes que consegue com seu irmão. Ele tem vinte e cinco anos e grava os filmes no seu computador que possui conexão à Internet. Ele comprou este computador logo após sofrer um acidente como lixeiro no município que o deixou impossibilitado de caminhar. Micaela sente que para todos é complicado aceitar a situação, mas que para ela é pior, “muito difícil”, “porque estávamos o dia todo juntos”. Agora eles continuam a ficar juntos vendo películas como “Harry Potter”, “O Senhor dos Anéis”, “V de Vingança” e outras do estilo.

Micaela junto às mulheres da sua família consulta os sites de compra e venda que fazem leilões e aqueles dos planos de ajuda social. Se for necessário, também procura informação para completar alguma tarefa da escola. Lembra que a última vez que ingressou na rede foi para geografia, mas o fez somente pelo fato de não achar o conteúdo nos livros. Igualmente, ressalta a entrevistada, “Internet

não me chama muito a atenção”. Na escola esteve uma vez só na sala de computação.

Ela escuta música em CD todas as manhãs quando sua mãe sai para trabalhar e fica com sua irmã e seus sobrinhos escutando, alternativamente, as músicas do gosto das duas, canções românticas populares muito difundidas. Além disso gosta de assistir a duas novelas na TV aberta e a um jornal nacional de notícias na TV a cabo.

Declara não ter quase amigas e somente destaca uma, que é sua vizinha, que já terminou a escola. Quase sempre falam das crianças, das coisas que gostariam de comprar para seus filhos. Às vezes dão um passeio pela rua principal da cidade. A relação com os colegas da escola se limita ao espaço escolar, mas observa que é muito boa porque quando chegou na escola “não conhecia ninguém, mas eles me chamaram”, “são boas pessoas, muito companheiras, se acontece algo com algum de nós, perguntam e dão apoio em tudo”. Esse é o motivo fundamental pelo qual frequenta a escola todos os dias mesmo quando a maior parte de suas colegas são mais velhas que ela e falam de coisas muito diferentes das jovens de sua idade. Ela sabe disso porque na escola básica de adultos suas colegas eram muito mais jovens que as atuais e “falavam das coisas que falam as meninas da minha idade”.

Confessa que é militante de um partido político, porém quando perguntada pelo motivo dessa atividade, responde que “a minha mãe é militante e me levava com ela desde pequena e agora cada vez que ela vai, vou com ela”. Não lhe parece importante, mas prefere isso antes de ficar sozinha na sua casa. Nas reuniões “falam de tudo um pouco e a gente escuta”, às vezes “juntam-se para jantar e nada mais”. Não pensa continuar os estudos, “não tem vontade” e lembra outra vez que se não fosse pela pressão familiar não estaria na escola. Ressalta que, de fato, “não pensa muito nela” porque é sempre a mesma coisa “estudar, estudar, vir, estudar”. Quando finalizar o ensino médio ela gostaria de trabalhar como funcionária administrativa como sua mãe e, por isso às vezes, a acompanha ao trabalho e ajuda nas tarefas.

A relevância dos outros

Paula fez vinte anos e se encontra cursando o primeiro ano do ensino médio. Mora com seus pais e um irmão de vinte e cinco anos que já terminou o ensino médio. Os pais completaram o ensino fundamental. Sua mãe se dedica à casa e seu pai está desempregado há mais de um ano e meio. Quando trabalhava o fazia em fabricas e indústrias da região operando máquinas. Sua mãe organizou na casa um refeitório comunitário que acolhe cento e vinte pessoas entre crianças e adultos. Esta atividade se sustenta com pedidos e ajuda voluntária das pessoas, reuniões com famílias do bairro e sorteios para arrecadar dinheiro e roupa que são distribuídos entre aqueles que freqüentam o refeitório.

Ela ajuda a mãe acompanhando-a ao mercado, ajudando na cozinha, no serviço e na limpeza. Diz que se sente bem fazendo essas tarefas porque gosta de ajudar, de poder dar uma mão às pessoas que ela sabe que são necessitadas. A idéia de abrir um refeitório comunitário na casa foi de sua mãe, mas também declara que ela sempre desejou que pudessem fazer isso que sonharam e finalmente isso se tornou possível. Acredita que esta realidade foi um fato importante na vida da sua família “porque há muitas pessoas que necessitam que alguém as ajude e não há muitas pessoas que queiram ajudar aos outros, então para mim é importante que minha mãe faça isto”. Seu pai também colabora nas atividades relacionadas ao refeitório.

Do ensino fundamental conserva a lembrança de uma viagem que fizeram à cidade de Buenos Aires, mas fundamentalmente da forte relação que tinha todo o grupo de colegas e o apoio entre eles.

Os outros quatro irmãos já têm suas próprias famílias e somente uma irmã concluiu a escola média. Ela afirma que quer terminar a escola por duas razões fundamentais: encontrar um trabalho e começar os estudos superiores. Ela sempre pensou em estudar psicologia e o ensino médio é imprescindível para encontrar trabalho. Paula sente que necessita ajudar seus pais porque são idosos e não vão encontrar trabalho. Essa situação a fez decidir por retomar a escola e terminar os estudos, pois ela acredita que, dessa maneira, poderá ajudá-los.

Paula acha importante a escola porque “gosta de aprender” e pensa que o dia de amanhã, quando tiver a sua família e seus filhos necessitarem ajuda ou lhe

perguntarem alguma coisa ela vai poder apoiá-los. Assinala que, no seu caso, sua mãe não frequentou o ensino médio e assim, quando necessitava de ajuda, os irmãos a socorriam nas tarefas escolares.

Quando não está ajudando a família ou na escola Paula gosta de ficar com as amigas. Ela não gosta de ficar sozinha, tenta estar sempre acompanhada por alguma das suas amigas. Ela as convida para irem a sua casa ou as visita. Quase todas as amigas estão finalizando a escola e são solteiras. Às vezes saem para dançar e frequentemente vão a algum bar para não voltarem muito tarde à noite. Em outras oportunidades se encontram na casa de alguma delas para comer, falar e assistir filmes. Elas conversam sobre rapazes, questões que passam na TV e problemas de cada uma e tentam se ajudar. Paula fica muito triste com os problemas econômicos da família e o fato de falar com as amigas a faz se sentir melhor e assim, “tenta tomar consciência das coisas e então pensar de outra maneira”.

Às vezes também falam da escola. Falam das notas que obtiveram e sobre qual delas está melhor em cada disciplina. No seu caso, ela costuma tirar dez em todas as disciplinas, porém agora não está muito segura porque esteve ausente da escola por causa da tristeza causada pelas dificuldades econômicas que não permitiram juntar algumas amigas para “tomar mate e comer pizza” no dia de seu aniversário. No entanto, ela não vai deixar de frequentar a escola porque quer continuar. Afirma que “algumas me dizem que termine a escola porque depois não vou poder terminá-la, não vou poder achar trabalho e conversamos para incentivar umas as outras a frequentar a escola, para que possamos terminar a escola”. Também comentam sobre os professores, qual deles é melhor e qual ajuda mais. Ela está contente com quase todos os professores agora que está na escola de adultos. Ajudam, explicam, escutam e respondem a todas as perguntas. Na escola se pode falar e isso a faz sentir-se bem.

A maior parte de suas amigas gostam do bate-papo na Internet e vão para o ciber. Paula já faz quatro meses que deixou de gostar, que a emoção das salas de Chat já não existe. Agora somente usa o computador do ciber ou de um familiar para fazer tarefas da escola. Ela prefere ler jornais e revistas porque gosta de estar atualizada tanto em relação aos temas da atualidade, quanto em relação as coisas que passam como, por exemplo, as páginas policiais no diário local. Também lê uma revista de interesse geral que acompanha a um jornal nacional nos domingos.

Um vizinho dela as guarda e dá para ela. O que mais gosta de ler nas revistas é a vida das pessoas famosas e comentários das novelas.

Também lê livros, alguns que emprestam a ela e outros que ela pede. Ela diz que o último livro que leu foi “um de contos, *O diário de Anna Frank*” e gostou muito. Além disso, lê livros de auto-ajuda e os livros que recomendaram na escola dos quais tem fotocópia. Em casa ela tem livros como manuais escolares, enciclopédias e dicionários.

Escreve as coisas que lhe acontecem em um caderno. Às vezes mostra para suas amigas. Escuta música no rádio. Entre as suas preferidas está a música popular para dançar (tropical) e o rock nacional. Faz um ano que, com uma amiga, está freqüentando um curso de dança caribenha porque queria aprender a dançar. Outra coisa que ela gostaria de estudar é teatro.

Na TV a cabo ela vê o programa local de notícias e também assiste a um jornal nacional. Na volta da escola, ela olha uma novela e “Os Simpson” ou algum filme. Declara gostar muito dos filmes da TNT e do I-SAT e dos que passam aos domingos em um canal da TV aberta.

Com as amigas vê algum DVD na casa de uma delas. Gosta de filmes que falam da vida das meninas adolescentes como *Aos treze*. Confessa gostar muito do filme “porque ali apresentavam de que modo uma pessoa, uma menina, ia para escola e olhava as outras que eram melhores do que ela e todo o mundo as seguia. Ela quis ser igual e por estar com essas meninas entrou na droga, e começaram todas a ficar mal com a família, entravam em qualquer coisa”. Isso chamou sua atenção porque é o que hoje acontece, afirmando que cada vez mais meninos e meninas, principalmente os mais jovens, se drogam, tomam bebidas alcoólicas e fazem coisas como, por exemplo, roubar. Achou que o filme evidencia o que fazem os jovens hoje em dia e cada vez mais novos. Pensa que tudo isso está mal e alguém teria que fazer alguma coisa, mas que nunca fazem nada. Ela não gosta de se juntar com esse tipo de pessoa. É melhor ficar distante delas. Ressalta que os colegas da escola não são assim, pelo contrário, são muito tranquilos e acredita que isso também se deve ao fato de já terem mais idade.

4.3. As relações e formas de sociabilidade dos jovens alunos⁹

Na análise dos depoimentos dos alunos também identifiquei algum questões comuns a todos eles. A primeira delas é que os homens enfatizavam em seus relatos as circunstâncias pelas quais foram se afastando da vida escolar, em contraste com as mulheres que ressaltavam e aprofundavam as razões da volta à escola mais do que os motivos da saída. Esta leitura pode ser relacionada com um indício surgido no questionário. A metade dos jovens não descreveu nenhuma lembrança escolar, justificando a falta de resposta com a afirmação de que não se lembravam ou não desejavam lembrar. No caso daqueles que responderam à questão, assinalaram a ausência de interesse na escola e a injustiça da avaliação docente como as principais recordações.

Assim, Ramon de 29 anos, cursando o segundo ano do ensino técnico diz que, logo após finalizar a escola básica, fez dois anos de ensino médio à noite, mas aos 15 anos começou a trabalhar num mercado de verduras e frutas. Seus pais estavam separados e ele ficou morando com sua mãe. “Me complicava muito com o tema da escola porque estava freqüentando as aulas à noite e os horários não davam muito, chegava muitas vezes tarde e assim fui deixando a escola”.

Também Jorge, com 26 anos, cursando o segundo ano da escola técnica assinala que, após concluir o ensino fundamental iniciou o ensino médio. No entanto, aos 15 anos conheceu algumas pessoas com as quais começou a fazer trabalhos de eletricidade e, a partir dali, deixou a escola. No momento da entrevista estava retomando os estudos pela terceira vez. Insiste em que o trabalho sempre interferiu na possibilidade de finalizar a escola, já que tinha que viajar para realizar serviços em diferentes cidades e povoados do estado. Salienta que “sempre, sempre foi a questão do trabalho que não deixou a gente terminar, sempre acontece a mesma coisa, não sei por que tenho tanta má sorte”.

Gustavo tem vinte e cinco anos e está cursando o segundo ano da escola técnica. Após o ensino fundamental fez duas oficinas de formação técnica e logo iniciou o ensino médio. Ele abandonou várias vezes a escola já que realizava

⁹ Os nomes aqui utilizados são nomes fictícios, visando questões éticas, prezando a não identificação dos jovens entrevistados.

trabalhos como pedreiro por conta própria seis horas por dia. No seu relato assevera que a causa da sua falta de continuidade é sempre o trabalho, mas que para ter um trabalho melhor necessita do certificado, razão pela qual afirma que agora está disposto a concluir os estudos.

Mesmo que, tanto para Ramón quanto para Jorge e Gustavo, assim como para boa parte dos alunos, a necessidade de ajudar a família foi a principal razão para abandonar a escola para trabalhar, também destacaram a vontade de dispor de dinheiro próprio. Esse dado marca uma diferença nas condições materiais de vida entre os homens e as mulheres entrevistadas. Elas, no caso de trabalhar, recebem salários mais baixos que eles e devem contribuir para a manutenção da família de origem. Assim, diferente dos alunos, elas têm menos possibilidades de contar com um dinheiro para satisfazer seus gostos e financiar suas saídas e consumos como acontece com os homens.

Neste sentido, Mauricio que atualmente trabalha, 8 horas por dia, em um ciber de Ensenada para se manter, lembra que no início, quando morava com os pais, procurava emprego para conseguir dinheiro para comprar roupa, música e pagar suas saídas com os amigos. Sua família reside numa área rural da província de Buenos Aires. A mãe e o pai terminaram o ensino fundamental, trabalham no sítio de sua propriedade e possuem um açougue. Ele fez três anos do ensino técnico orientado à produção rural, mas logo começou a fazer trabalhos rurais e deixou de estudar. Sua mãe insistia com ele para que continuasse o ensino médio. Ele não gostava de estudar, achava melhor sair com os amigos e trabalhava para poder fazê-lo. Atualmente expressa sentimentos contraditórios quanto a sua inserção cedo demais no mundo do trabalho. Por um lado, sente que já poderia ter se formado, mas, por outro, afirma não se arrepender porque nesse tempo todo comprou coisas para ele como algumas vacas e colméias. Em seguida, esclarece que é consciente de que se tivesse continuado os estudos, hoje teria uma situação econômica melhor.

No caso de dois dos alunos pesquisados que chegaram a viver em condições melhores de vida, suas famílias optaram, no princípio, por escolas de ensino fundamental privadas. No entanto, os processos políticos e econômicos da década de 1990 e, em particular, a privatização das indústrias estatais, fez com que amplos grupos de trabalhadores perdessem seus empregos ou ficassem, mas em condições precárias de contratação. É o caso de Nahuel, com 19 anos,

cursando o segundo ano da escola técnica que começou o ensino fundamental numa escola privada, mas três anos depois, quando o pai perdeu o trabalho na petroquímica foi transferido para a escola pública. Depois de um tempo vivendo de biscates o pai ingressou como soldador no estaleiro estatal até que foi demitido novamente. Até hoje continua fazendo biscates como pedreiro. Nahuel trabalha para ajudar a família e foi recentemente contratado pelo município. Normalmente trabalha seis horas diárias, mas agora está trabalhando o dobro porque pagam horas extras e com isso consegue ganhar a metade da cesta básica. Ele e o pai juntos conseguem ganhar apenas o correspondente a uma cesta básica. Uma grave doença da mãe leva boa parte do dinheiro que ele consegue trabalhando. Na sua visão, este ano está sendo mais complicado para estudar por causa do tempo extra que tem que trabalhar que o deixa muito cansado.

Hernán fez 18 anos e frequenta o 2º ano da escola técnica, fala que o pai completou o ensino fundamental e atualmente trabalha como mecânico de caminhões numa empresa de eletricidade. Quando ele era criança foi enviado para uma escola básica privada católica, onde fez até o último ano do ensino fundamental, mas não continuou o ensino médio, pois sua família não podia pagar a matrícula. Assim, Hernán começou o ensino técnico na escola pública e a abandonou porque dizia que não gostava de estudar. Abriu com um amigo uma oficina de mecânica de motocicletas onde hoje ganha menos da metade de uma cesta básica por mês. Depois ingressou na escola de ensino médio e fez até o segundo ano, quando abandonou. Agora está na escola porque – diz ele - quer terminar “sim ou sim” porque é necessário para o trabalho e para estudar eletromecânica na universidade.

Uma segunda questão que emergiu da análise dos dados é que a metade dos entrevistados foi repetente pelo menos uma vez durante o ensino fundamental e em alguns casos também no ensino médio. Este dado não apresentou diferenças significativas em relação às mulheres pesquisadas, a não ser pelo fato desta circunstância ter sido ressaltada pelos próprios alunos em seus relatos, sugerindo que essa experiência poderia ter contribuído de alguma forma para tomarem distância da escola. A ênfase adquiria diferentes conotações nos argumentos apresentados por cada um dos jovens. Em certos casos assinalavam que tinha sido um episódio de injustiça escolar. Essa explicação foi oferecida por Adrián, de 19 anos, que atualmente está no ensino médio e repetiu uma vez a 5ª série do ensino

fundamental e duas vezes o primeiro ano do ensino médio. Ele afirmou que essa experiência no ensino fundamental foi muito marcante e acredita que foi resultado de uma avaliação injusta da professora¹⁰.

Outros alunos consideraram que a adaptação em relação às diferenças no nível de exigência das instituições pelas quais passaram demandava um esforço muito grande, o que provocou desânimo com conseqüências do desempenho escolar. Emanuel transitou por diferentes escolas até os 16 anos momento no qual começou a trabalhar como pedreiro ajudando seu pai. Foi repetente durante um ano no ensino fundamental que cursou até a 5ª série. Depois passou para outra escola até a 8ª série e, finalmente, ingressou no ano anterior ao nosso encontro, na escola técnica. Destacou que a experiência da repetência no ensino médio foi devido ao perfil dos professores e, além disso, salientou que o encontro com novos colegas, significou uma mudança muito grande na sua vida. “Ao repetir pela primeira vez, tinha que me esforçar mais e depois com o trabalho, tudo isto fez com que logo após, iniciado o primeiro ano, começasse a desistir”. Atualmente continua a fazer biscates como ajudante de pedreiro, mas está esperando a possibilidade de ser contratado no estaleiro estatal onde trabalha seu pai.

Uma situação semelhante é narrada por Gustavo que foi repetente no ensino fundamental em três escolas de diferentes municípios e transitou por quatro escolas até ingressar no ensino médio, uma das quais estava orientada à formação de técnicas industriais. As sucessivas mudanças de domicílio e de escola estiveram relacionadas com a perseguição política que sofreu o pai durante a ditadura militar. A isso somou-se a necessidade de começar a trabalhar para ajudar a sua família. Essas circunstâncias fizeram com que ele abandonasse no segundo ano a escola e, quando voltou em três oportunidades durante esses anos, não conseguiu finalizar os estudos. Mora com o pai viúvo e quatro irmãos que ainda freqüentam a escola. Os outros quatro já constituíram suas famílias. Seu pai, trabalhador da construção, assim como sua mãe, empregada doméstica e já falecida, não concluiu o ensino fundamental. O pai está desempregado e recebe uma pensão por família numerosa e um plano de ajuda social.

¹⁰ Ver neste capítulo o texto *A escola e a Internet: espaços para se fazer amigos*, contendo algumas das principais questões da entrevista a Adrián.

Em outros casos, a explicação da descontinuidade dos estudos estava centrada na instabilidade familiar, seja pela separação dos pais ou pelo efeito do desemprego paterno. A primeira condição correspondia à metade dos pais dos entrevistados, enquanto a segunda afetou quase a totalidade dos lares dos alunos.

Marcos cursa o segundo ano do ensino técnico e tem 21 anos. Ele fez o ensino fundamental na mesma escola. No entanto, cursou duas vezes a 8ª série. Depois dessa experiência ele continuou até o segundo ano do ensino médio, momento em que abandonou a escola. Na sua perspectiva, isto correspondeu ao período da separação dos pais e da necessidade de uma maior atenção a sua irmã que tem paralisia cerebral. Afirma que seus problemas na escola fazem parte de um processo ligado à separação de seus pais, já que diz ter tido “uma depressão adolescente”, onde “não fazia nada” e lhe trouxe como consequência um transtorno alimentar.

A maior parte dos pais trabalhava até a década dos noventa no estaleiro e na petroquímica de Ensenada, ambas de responsabilidade do Estado, assim como em outras indústrias da cidade. No entanto, a privatização destas empresas ocasionou a demissão de milhares de pessoas. Isso teve como implicação o fato das questões ligadas diretamente à sobrevivência no dia-a-dia passassem ao primeiro plano, deixando na penumbra questões ligadas à escolarização. Apesar desta realidade, através da análise das entrevistas ficou evidente uma aposta das famílias dos entrevistados na continuidade de sua frequência à escola.

4.3.1. Famílias e escola: outra vida é possível

Uma última questão comum nos relatos dos alunos é o conjunto de razões que justificam a insistência na conclusão do ensino médio. As duas primeiras são compartilhadas pelas mulheres também. A primeira diz respeito à relação entre o término do ensino médio e a possibilidade de obter algum emprego. Sem os estudos – afirmam os jovens - é quase impossível conseguir trabalho e, tendo o certificado de ensino médio, aumentam as probabilidades de obter algum emprego ou melhorar o que se tem. Em alguns casos, também acrescentavam a necessidade de concluir esse nível de ensino para poder continuar os estudos superiores.

Ramón diz voltar à escola porque, em primeiro lugar, gosta muito de estudar. Também porque é um dos requisitos para permanecer no trabalho e

porque gostaria de continuar seus estudos na universidade. Ramón é o único dos entrevistados que se casou, formou família e possui um trabalho relativamente estável. Os preceitos religiosos orientam todas as dimensões de sua vida, tanto familiar, como comunitária. Ele participa ativamente da igreja das Testemunhas de Jeová desde os 16 anos, grupo no qual foi convidado a ingressar através de conhecidos com os quais jogava bola. Aos 17 ou 18 anos começou a fazer alguns trabalhos para uma empresa que prestava serviços na petroquímica e, mais tarde, aos vinte anos, casou-se. Faz sete anos que trabalhava na empresa. Ele tem uma casa própria onde mora com sua mulher e dois filhos pequenos. Seu salário é o mais alto de todo o conjunto pesquisado, incluindo as mulheres, já que supera o valor de três cestas básicas. Sua esposa é dona de casa, terminou o ensino médio e, quando ele tem dificuldades na leitura e escrita, é ela quem “faz a correção dos erros ortográficos ou da gramática” das tarefas escolares de seu cônjuge. Ramón considera muito importante ficar com os filhos para estimulá-los na aprendizagem e que todos os membros da família ajudem nas tarefas domésticas e estudem. O casal comparece a cinco encontros semanais de formação religiosa para os quais estudam e depois realizam atividades de pregação. “A gente gosta de estudar, tenho facilidade, estudo a Bíblia e a gente está constantemente estudando e não gostamos de ficar parados, não importa a idade, a gente gosta de seguir progredindo”. Percebe que todas as práticas da sua religião podem contribuir tanto no desempenho escolar como no seu crescimento no trabalho, assinalando uma série de equivalências entre “a escola do ministério” e “a escola”. Nesse sentido, acha que “pregar” e “ensinar” são equivalentes, consistem em indicar o que se deve fazer e o professor deve procurar, de múltiplas formas, a maneira de chegar com a “informação” e as “instruções”. “Eu gosto de estudar e vai me ajudar a progredir no trabalho, um título superior é diferente”, diz Ramón. Ele expõe a forma em que as disposições e os distintos capitais são postos em jogo segundo os espaços, construindo uma coerência e organização interna nas declarações sobre sua vida. A disciplina e a confiança sustentadas nos valores religiosos estão na base de todos os argumentos apresentados para justificar cada uma das decisões da sua vida porque “a gente tem que aplicar o que aprende”. Ramón destaca ter aprendido muitas coisas na escola, temas que têm a ver com o estudo e um conhecimento realista porque “a gente vê que os professores fazem muito uso da informação que eles têm às situações do dia-a-dia”. Assim, ele entende que

sempre é possível usar de algum modo o que se aprende na escola para a vida. Diz acreditar que deve ter o ensino médio concluído para continuar a estudar e que o desempenho intelectual se relaciona com a questão da sobrevivência cotidiana.

Outro argumento apresentado para justificar a necessidade de terminar o ensino médio está ligado às idéias de independência e de progresso social, visando um cenário de autonomia da família de origem. A idéia que o saber escolar ajuda a pessoa a se desenvolver nas diferentes dimensões da vida social e do trabalho é compartilhada pelos alunos. Assim, tanto o certificado escolar como os conhecimentos adquiridos acabam sendo imprescindíveis para assegurar a possibilidade de ter um bom trabalho e para ampliar as possibilidades de relacionamento e comunicação com outros agentes situados em posições mais altas no espaço social.

Gustavo muito recentemente começou a trabalhar como soldador durante nove horas diárias para uma empresa que presta serviços a uma indústria produtora de derivados do petróleo. Agora ele recebe de salário mensal o valor equivalente a uma cesta básica. Teve outros empregos e ressalta que nunca esteve muito tempo desempregado. Assinala que hoje em dia é muito difícil conseguir emprego e para ter um trabalho seguro é necessário estudar. Ele não quer ficar fazendo biscates ou passar de uma empresa a outra. Quer algo concreto e ser alguém na sociedade com um bom futuro, bem estar e saúde. Entende que a escola é um lugar onde é possível aprender mais para ser “um pouco mais aberto de mente e esperto”. Esclarece que “há coisas que quando a gente não estuda, não pratica, não compreende. Para isso a gente tem que estudar, se relacionar com as pessoas porque o mundo evolui, passa etapas e a gente tem que se informar”. “A gente tem que abrir mais a mente, não tem que ser tão fechado, sei que estou estudando aprendo mais e isso me ajuda a falar melhor, a estar com pessoas de um nível maior que o meu e que a gente pode entender o que eles querem dizer. De outro modo, se a gente não estudasse e eles estivessem num nível mais alto, a gente não poderia se comunicar com eles”. Porém, ele expressa que tem limites nas suas capacidades intelectuais quando assinala que, embora tivesse vontade de fazer uma carreira universitária como educação física, devido a sua experiência com os esportes, diz “não sei se minha cabeça dá para isso”.

Na base de todas as perspectivas mencionadas pelos estudantes foi ressaltada a relevância do apoio e da perseverança da família para a consecução dos

objetivos almejados. Os alunos mencionaram as diferentes formas através das quais os familiares seguem e acolhem as atividades relacionadas aos estudos. As famílias consideram que a escola representa um ponto de inflexão importante quando se quer ir em frente. Em geral, os alunos passam boa parte do tempo livre com a família e, quando não estão na casa, mantém contato com ela pelo telefone celular. O pai de Gustavo, por exemplo, pergunta a seu filho quase todos os dias pelos estudos e quer saber se foi ou não aprovado nas disciplinas. Mas, ele conversa mais é com seus irmãos e, particularmente, com aquele que frequenta a mesma escola.

No caso de Marcos, seus pais estão separados e ele mora com sua mãe. Ela e sua namorada insistem para que ele termine a escola e perguntam repetidas vezes como é que estão as coisas na escola. Em função do apoio da mãe, ele preferiu deixar seu emprego num ciber e terminar a escola lembrando que além dessa razão, no ciber “pagam duas moedas, a gente fez isso dois anos e é muito duro, chega um momento em que se fica cansado ainda que, apesar de tudo, o trabalho seja bom. No entanto, desperdiçar as horas da vida da gente por duas moedas de trinta...”.

Emanuel assinala que hoje em dia não fala muito com seus pais porque estão cientes que ele frequenta a escola todos os dias. Mora com os pais, duas irmãs e uma sobrinha. O pai finalizou o ensino médio na escola de adultos e trabalha desde os oito anos. A mãe também completou o ensino médio. Na atualidade se dedica ao lar porque se aposentou como funcionária administrativa no estaleiro estatal por problemas de vista. Emanuel ressalta as diferenças entre sua vida e a vida do pai e lembra que ele não teve que sair para trabalhar desde criança e isso fez com que sua infância fosse distinta. Teve seu lar onde não faltou a comida e “nunca lhe fecharam as portas da escola”. Às vezes a expectativa dos pais não se limita a que Emanuel finalize o ensino médio, mas também almejam que o filho tenha outro destino e acesso a algum trabalho seguro¹¹.

O pai de Nahuel completou o ensino médio, ficou desempregado da petroquímica, do estaleiro estatal e faz biscates como pedreiro. Insiste para que seu filho continue a estudar e possa ingressar na marinha. Além do pai, ele

¹¹ Ver neste capítulo o texto *Procurando um lugar seguro num mundo inseguro*, contendo algumas das principais questões da entrevista a Emanuel.

também mora com a mãe, quatro irmãos, dois sobrinhos e sua avó. A mãe trabalha de empregada doméstica e completou o ensino fundamental.

Em todos os casos entrevistados, as famílias não são indiferentes à vida escolar dos filhos e também desenvolvem estratégias de monitoramento para tentar assegurar que terminem seus estudos.

O pai de Adrián terminou um curso superior, trabalhou na petroquímica e foi demitido. Abriu uma pequena empresa com dois amigos, teve de fechar e depois foi contratado por uma empresa de seguros. A mãe é funcionária pública e fez o ensino médio completo. Adrián não trabalha. Mora com sua mãe, sua avó e seu irmão que está fazendo o ensino médio à noite, devido ao fato de que seus pais estão separados. Sente-se bem na escola porque acredita que é como um segundo lar porque “a maior parte da vida da criança e do adolescente se desenvolve na escola e por isso me sinto bem nela”¹².

Também o fato de ser responsável pela família faz com que os próprios alunos sejam os que exigem mais de si mesmos em relação aos estudos. Jorge trabalha uma média de dez horas diárias e, às vezes, o trabalho excede esse tempo. Seu salário mensal representa uma cesta básica e com isso, junto com um irmão que trabalha de bombeiro e da sua mãe viúva, empregada doméstica, mantêm o lar. Mora com eles e alguns de seus irmãos. Seus pais freqüentaram e completaram o ensino fundamental. Apesar de destacar que quase não lhe sobra tempo, fora do trabalho e da escola, quando sobra, passa com sua família e algumas vezes com seus amigos. Considera que sua idade, 27 anos, limita as opções possíveis. Por isso deve terminar o ensino médio e fazer um curso técnico superior para se inserir na polícia.

No caso de Mauricio o acompanhamento dos pais é à distância, apesar dos três irmãos estarem na mesma cidade fazendo a universidade. Os pais são trabalhadores rurais e residem em outra cidade. Seu salário no ciber em que trabalha não chega a alcançar o valor de uma cesta básica. Ele afirma que quer terminar o ensino médio para dar a sua mãe o certificado e também pensa na possibilidade de estudar desenho gráfico. Acha que se ele perde tempo na escola está gastando seu próprio dinheiro e isso faz diferença. Ele vai visitar a sua família

¹² Ver neste capítulo o texto *A escola e a Internet: espaços para se fazer amigos*, contendo algumas das principais questões da entrevista a Adrián.

a cada dois meses e seus pais perguntam pela sua situação na escola. No entanto, a mãe, que ajudava nas tarefas escolares quando ele era criança, liga para ele quase todos os dias para perguntar se as coisas estão indo bem, como está seu desempenho nos exames e quais são as notas que ele obteve. Ainda quando ele se queixa do controle telefônico diário da sua mãe, concorda com a importância da conclusão do ensino médio e fica imaginando a cerimônia de formatura com a presença de seus irmãos que estão na universidade.

4.3.2. Muito conectados e quase nada conectados

Uma questão que chama a atenção quando se considera a relação dos estudantes com as novas tecnologias da informação e comunicação é o tipo de relação estabelecida com esses recursos e conhecimentos. Um grupo se desenvolve de modo muito “familiar” com as novas tecnologias e evidencia uma experiência acumulada em relação a elas. No entanto outros não as consideram recursos indispensáveis para o desenvolvimento de suas vidas. Em geral, essa distância entre relações mais intensas e outras mais débeis dos alunos entrevistados estão apoiadas nas relações de sociabilidade com os grupos de pares, nos recursos familiares e econômicos e nos tipos de trabalho realizados. Por outra parte, na perspectiva dos jovens, a informação da Internet não substitui o livro. Quanto muito, complementa o conteúdo dos livros didáticos e/ou enciclopédias ou dos textos disponibilizados pelos docentes da escola. Assim, os livros se situam, na visão dos jovens, numa posição hierárquica superior à Internet por razões diferentes das mulheres entrevistadas.

Alguns dos alunos dispõem de conexão à Internet no trabalho e têm computador em casa, porém há diferenças entre aqueles jovens socializados no seu ambiente com a utilização do computador e aqueles que não o possuem no seu próprio contexto. Entre aqueles que têm desenvolvido mais experiências em relação ao universo digital é possível identificar questões também presentes nas práticas das mulheres, ainda quando a relação destas com as novas tecnologias está menos consolidada que entre os homens, entre elas estão as características de fragmentação e simultaneidade. Estas compõem as experiências juvenis tanto “reais” como “virtuais” nas sociedades contemporâneas e requerem múltiplas alteridades e um sentido mais fluido do eu. É preciso reconhecer que o desenho e

a lógica do mundo virtual não são opostos às do mundo real. Pelo contrário, sendo uma parte daquele, o que a virtualidade expressa é uma forma comprimida e reapresentada do que chamamos experiência real. Uma década atrás Turkle (1997) já assinalava a centralidade desta questão observando que,

La contienda final se refiere a la noción de lo real. En los experimentos de ciencia simulada se vierten productos químicos virtuales, desde vasos de precipitados virtuales, y la luz virtual rebota en paredes virtuales. En las transacciones financieras, el dinero virtual cambia de manos. En el cine y la fotografía, las imágenes que parecen realistas representan escenas que nunca tuvieron lugar entre personas que nunca se conocieron. Y en los ordenadores en red de nuestra vida cotidiana, la gente tiene convincentes interacciones que son completamente dependientes de las representaciones electrónicas de sí mismos. En el ciberespacio, cientos de miles, quizá millones de usuarios crean personajes electrónicos que viven en un grupo diverso de comunidades virtuales en las que la rutina de la formación de múltiples identidades mina cualquier noción de un yo real y unitario. Sin embargo, la noción de lo real contraataca; las personas que viven vidas paralelas en la pantalla están, por otra parte, atadas por los deseos, el dolor y la mortalidad de sus yo físicos. Las comunidades virtuales ofrecen un contexto totalmente nuevo en el que pensar sobre la identidad humana en la era de Internet. Son espacios de aprendizaje sobre el significado vivido de una cultura de la simulación. ¿Será un mundo separado en el que las personas se pierdan en superficies o aprenderemos las formas en que lo real y lo virtual se pueden hacer permeables, cada uno teniendo el potencial para enriquecer y expandir al otro? (p. 336)

O presente onipresente deve-se à ampliação provocada, entre outros, pelos múltiplos meios e formas de contato remoto, à distância, entre as pessoas. A disposição de estar “plugado” em vários sites no ciberespaço ao mesmo tempo em que se presta atenção às questões do trabalho, da vida familiar, social e escolar, expressa novas formas de se relacionar e compreender o mundo. A complexidade do dia-a-dia da vida urbana requer cada vez mais pessoas “hiperconectadas” tanto com o real como com o virtual.

Mauricio trabalha num ciber em Ensenada, passa o dia todo conectado a Internet. Ele tem computador em casa, mas não possui conexão à rede porque quando não está no ciber, está na escola. Ressalta que o computador facilita muito as comunicações para alguém que, como ele, tem a família e muitos dos amigos morando longe. Destaca que a Internet é muito mais econômica porque com pouco dinheiro é possível falar muito, razão pela qual um dia por semana todos se juntam no bate-papo do Hotmail. Além disso, Mauricio e seus amigos se comunicam pelos celulares, poucas vezes pelas mensagens de texto porque não gostam muito de escrever. Se algum deles tem dinheiro disponível prefere falar.

Também gosta muito de filmes, “baixa” filmes da Internet e os assiste na tela da televisão que fica conectada ao computador. Além disso, Mauricio às vezes, vai ao cinema com um amigo, a última sessão que assistiu foi uma comédia. Declara não gostar de ler quando tem de fazê-lo, prefere textos sobre comédias, futebol, ciência ficção e “casos reais”. No entanto, costuma ler revistas de divulgação geral como “Conheça mais” ou “Muito interessante”¹³ contendo artigos referidos aos avanços científicos e tecnológicos. Quando ele não pode comprá-las, um amigo as empresta. A mãe lê novelas românticas e o pai revistas que falam da vida rural. Mas, o que diz compartilhar com o pai é sua paixão pelo futebol. Vê os canais esportivos da TV a cabo e quase nunca o jornal “porque não passa nenhuma notícia boa, só homicídio, roubo, homicídio, roubo”, afirma.

Da mesma forma, Marcos possui um computador com conexão a Internet no qual investe o dinheiro que consegue e melhora seus componentes. Faz questão de lembrar que quando tinha 16 anos passava muito tempo no bate-papo, depois de quase um ano tinha conhecido pelo menos 150 pessoas num site muito difundido na região. Afirma que a rede foi importante na sua vida já que até então não tinha muitos amigos e era uma pessoa solitária. A Internet lhe ajudou muito a superar esta realidade e se relacionar com diferentes pessoas, boa parte delas, com mais idade do que ele. Assim, foi fazendo amigos e conhecidos, participou das festas organizadas pelo site e hoje em dia, com 21 anos, tem ainda seis amigos daquele período. Dispõe de vários endereços de correio eletrônico que quase não usa porque agora prefere se comunicar pelo *Messenger*. Diz ser mais prático porque na comunicação *on-line* as pessoas estão permanentemente conectadas. O computador também serve para ele escutar música em MP3.

Marcos quase não usa Internet para a escola porque todos os materiais de estudo indicados pelas professoras e professores são fotocópias, “a gente tem tudo aí”. Comprou um DVD para assistir filmes com sua namorada e a família. Gostou muito de “O Senhor dos Anéis” e agora está lendo os três volumes que sua família lhe deu de presente. Quando sai, vai ao cinema com a namorada ou vai dançar com os amigos. Usa muito o celular para enviar mensagens de texto a seus amigos, sua namorada e seus parentes que moram numa cidade longe da dele.

¹³ “Muy Interesante” é uma revista mensal de divulgação e interesse geral. Publica artigos de ciências exatas, biológicas, humanas e sociais, tecnologia, história, corpo humano, religião, saúde, meio-ambiente, etc.. Publica-se em diferentes países como Brasil, França, Alemanha e Itália. Também a revista “Conozca Más” contém notas de difusão cultural, científica e de interesse geral.

Também tem TV a cabo na qual gosta de ver os canais de esportes e alguns desenhos animados como “Os Simpson”.

Adrián tem computador na sua casa e na casa do pai, mas nesta última com conexão a Internet. Gosta de escutar rock, baixar vídeo clipes, “bater papo” e consultar sites de venda de carros. O que mais usa é o *Messenger* para conversar com meninas e amigos quando fica em casa sem nada que fazer. Porém, a maior de suas paixões é um clube de futebol do qual é sócio e por isso escuta freqüentemente programas esportivos no rádio e na TV. Além disso, afirma que somente vê o jornal na TV aberta. Apesar de estar fazendo um curso de mecânica não faz consulta sobre o assunto na Internet, prefere sempre ver o manual quando quer saber alguma coisa¹⁴.

Já Ramón usa o computador, mas entra pouco na rede. Na sua casa ele tem telefone fixo e um computador, mas sem conexão a Internet uma vez que dispõe do serviço da Web no trabalho. Sabe operar alguns programas como o Word, Excel, Power Point. Não entra com assiduidade na rede porque, por conta das atividades ligadas à religião, usa muito o processador de textos e as planilhas. Gosta de pesquisar e procurar informação para “muitas disciplinas que requerem que a gente pesquise e responda questionários” e prefere consultar alguma enciclopédia no computador. Muito raramente freqüenta o ciber. Usa muito a biblioteca e leva os livros para sua casa principalmente livros de informática e física. Estuda em casa ou no trabalho. Ramón começou a ler a Bíblia e revistas “culturais e religiosas” editadas pela igreja porque se interessou pelos temas e depois tomou gosto pela leitura. Até então – declara ele - não gostava de ler. Agora possui livros de história que servem de “complemento” às leituras bíblicas. Também compra revistas escolares para sua filha e outra publicação especializada em turismo e pesca, um hobby que pratica quando tem tempo. Ramón não possui TV a cabo, somente assiste a alguns programas como jornais da TV aberta porque, “a gente tem que ter muito cuidado com as coisas que vemos porque pode afetar muito as crianças”, explica. A família tem predileção pelos filmes que Ramón escolhe no vídeo com muito cuidado pensando nas crianças. Ele escuta no rádio música clássica ou músicas antigas em inglês e em espanhol porque outras

¹⁴ Ver neste capítulo o texto *A escola e a Internet: espaços para se fazer amigos*, contendo algumas das principais questões da entrevista a Adrián.

músicas como o rock – diz ele - têm a ver com a violência, com a rebelião, a desobediência à autoridade e, “todas essas coisas não estão em harmonia com o que a gente pensa”.

Entre o grupo dos conectados estão aqueles que conhecem e usam em algumas oportunidades o computador. Hernán tem computador em casa, mas atualmente não funciona. Em algum momento também teve conexão a Internet, mas o pai cortou o serviço porque as contas de telefone eram muito altas. Ele não gosta muito da computação e acha que é uma perda de tempo ficar no ciber. Prefere “inventar alguma coisa, fazer alguma coisa que sirva para o futuro, eu vejo muitas pessoas que estão no ciber jogando e a Internet é boa porque podemos indagar muitas coisas, mas não me chama a atenção”.

Nahuel, às vezes, vai para o ciber porque gosta de usar o computador, navegar na Internet e consultar temas para os trabalhos da escola, quando não acha a informação que necessita nos livros. Quando tem tempo vê na TV aberta jornais e comédias. De preferência ele escolhe um DVD de temas góticos e vampiros como os baseados nos livros de Anne Rice. Agora ele comprou um dos livros da autora para conhecer todos os detalhes que não aparecem nos filmes. Interessa-se pela leitura da seção de esportes do jornal local e, particularmente, sobre o rúgbi, esporte que ele pratica e sobre o qual lê revistas especializadas. Às vezes também lê notícia das páginas policiais. Ele usa o celular para mandar mensagens à família e lhe dizer onde está. Gosta de escutar em CD muitos grupos de rock que falam do que passa na vida, ou seja, dos políticos, do desamor, da morte, da temática indígena. Além disso, o que mais faz são desenhos de figuras “como as japonesas”, tipo “*anime*”¹⁵.

Outro grupo menos numeroso é o daqueles que não possuem uma relação fluida com a informática e a Internet. Em geral, esta realidade é causada por uma série de condições tais como a falta de um conhecimento básico dos recursos informáticos, ausência de necessidade de uso dessas tecnologias nos trabalhos desempenhados (pedreiro, bombeiro, eletricista, soldador) e longas jornadas de trabalho. Também a preferência pelas relações cara a cara e a inclinação por outras atividades como assistir filmes ou jornais na TV ou desenhar, que se

¹⁵ O termo “anime” se refere à animação japonesa de desenhos.

combinam de algum modo na vida de cada um dos alunos. Gustavo assevera que o computador não o atrai, gostaria de saber informática, mas bater-papo, gastar dinheiro para falar pela Internet ou jogar em rede lhe parece sem sentido. Às vezes assiste com seu pai ao jornal da TV e a filmes de ação. Também não gosta de ler, uma atividade para a qual “tem que se cortar a TV a cabo, tem que chover ou que a gente tem que estar muito aborrecido”. Destaca que na sua casa tem um grande número de livros porque seu pai lê muito, razão pela qual na biblioteca há textos de diferentes igrejas, de política, historia e geografia. Gustavo prefere um livro de mistério ou que esteja “mais distante da realidade” e escuta música romântica. Dos jornais locais lê as manchetes e a seção de esportes.

Jorge não tem muito tempo já que seu trabalho ocupa dez horas ou, às vezes, mais da jornada diária. De fato, no momento da entrevista tinha justificado suas ausências na escola com um atestado do patrão para o qual trabalha como bombeiro, pedreiro e eletricitista em diferentes lugares da província de Buenos Aires. Quando tem tempo, vê filmes na TV a cabo que abordem “casos reais” e comédias e na TV aberta assiste a programas de entretenimento. As conversas com sua família e seus amigos do bairro ocupam o pouco tempo livre depois do trabalho e da escola.

Emanuel explica, “agora o jornal é o fundamental, vejo o jornal para me informar de tudo, de como está tudo e isso chama muito minha atenção”. Às vezes ele lê o jornal local que sua mãe compra todos os dias. Além disso, suas leituras se limitam àquelas recomendadas nas diferentes disciplinas escolares e na sua casa tem alguns livros didáticos¹⁶.

Em geral, todos os entrevistados assistem ao jornal de notícias da TV, tanto da TV a cabo que difunde as notícias da região como da TV aberta e lêem, ainda que parcialmente, os jornais. Outra prática que é comum a todos é o gosto pelos filmes. A cidade não tem espaços de entretenimento e lazer tais como cinema, teatros, etc., e os conteúdos da TV, tanto aberta como a cabo e as películas, constituem atividades muito difundidas entre os jovens e faz com que boa parte do tempo livre se desenrole nos lares dos alunos.

¹⁶ Ver neste capítulo o texto *Procurando um lugar seguro num mundo inseguro*, contendo algumas das principais questões da entrevista a Emanuel.

4.3.3. Amigos da vida e colegas da escola

Um dos temas que mais mobilizaram o grupo dos homens são os vínculos com os amigos, vizinhos e colegas e a importância dos primeiros para enfrentar as dificuldades do dia-a-dia. Em geral, eles assinalam que a escola e o trabalho e, em menor medida, o clube ou o bairro, são os âmbitos onde se desenvolvem laços de amizade. Os amigos têm uma importância equivalente à família, com um contato quase diário onde se conversa todos os temas e problemas do grupo.

Jorge diz ter quase todos seus amigos “nas redondezas” porque a maior parte é vizinha do bairro e tem mais idade do que ele, muitos deles estão casados e têm filhos. Também fez amigos no trabalho e no clube de futebol onde jogava no tempo em que deixou a escola. A maior parte deles não terminou o ensino médio, mas eles insistem para Jorge continuar a estudar. Ele tem muitos amigos, nos momentos que passam juntos falam do que está acontecendo na vida de cada um deles, se ficaram desempregados e outros problemas comuns, “a gente é muito unido e tentamos nos ajudar”. Assim, declara ele, “por exemplo, chega alguém e diz ‘estou sem trabalho’ e a gente já sabe que na medida do possível tentamos nos dar uma mão, graças a Deus temos bons amigos”. Da mesma forma, alguns amigos de Marcos trabalham e outros não. Conversam muito sobre os problemas de emprego. Com amigos e parentes saem para dançar, para férias e para atividades esportivas tais como futebol e “*paddle*”, quase todos os dias da semana.

Gustavo também fez amizades nos trabalhos pelos quais passou e através de práticas esportivas tais como boxe, atletismo e artes marciais. Também tem amigos da escola e conserva alguns do tempo em que participou nas Testemunhas de Jeová. Hernán divide a oficina de mecânica de motocicletas com um amigo; a oficina é também um ponto de encontro de seu grupo. Às vezes saem para dançar, falam de meninas e das coisas que aconteceram durante a semana.

Emanuel gosta de tocar bateria e faz música com um grupo de amigos. Ele diz que nenhum dos amigos têm dinheiro, razão pela qual se juntam para assistir filmes, às vezes dão umas voltas pela cidade, vão a bares ou jogam “*pool*”. Eles são fanáticos pelo “Superman” e por comédia e, as vêm no seu vídeo ou no DVD de um amigo. Os temas de conversa com os amigos giram entorno da banda de música, de meninas e da escola. Ressalta que os colegas da escola têm um papel muito importante na hora de continuar os estudos porque se ajudam mutuamente

em tudo. Apesar disso - diz ele - ficaram somente cinco alunos no curso e lembra que no momento de responder ao questionário eram mais que o dobro¹⁷.

O destaque das relações com os colegas para a finalização dos estudos no nível de adultos está ligado à percepção da escola como um espaço onde se fazem amigos. Mauricio gosta dos colegas da escola porque é melhor aprender em um grupo de pessoas com mais idade já que elas têm diversas razões para se formar. Assinala que, em geral, estão passando pela mesma situação ou querem terminar a escola ou é um objetivo que se auto-impuseram ou por outras razões.

Todos os amigos de Adrián residem em Ensenada, a maior parte ele conheceu ainda criança no ensino fundamental. Além disso, tem alguns colegas do ensino médio com os quais fez amizade. Às vezes passam um dia inteiro juntos, falando. Conversam das coisas que lhes acontecem, de carros, de meninas, dos temas da escola (“se tem prova” ou “se alguém não estudou”) e dos boatos da escola. Outra atividade que fazem com frequência é assistir filmes de terror e ciência ficção no vídeo de Adrián ou no DVD de um amigo. Ele afirma se divertir muito nas sessões de cinema. Aos sábados saem para dançar e de vez em quando jogam futebol. Segundo ele, os vizinhos são sempre um problema porque dão queixa de tudo como, por exemplo, do barulho que fazem jogando bola na porta da sua casa ou falando com os amigos na rua. Também fica preocupado com o comportamento dos próprios amigos e amigas que criam problema entre eles e assim os grupos vão ficando cada vez menores¹⁸.

Fora do trabalho e da escola, Nahuel salienta que passa a maior parte do tempo com a namorada e os amigos. Ele fez muitos amigos num clube local de “*rúgbi*” onde continua a jogar e treina três vezes na semana. Conversa com os amigos sobre música, meninas, trabalho e das coisas que passam na escola. No momento da entrevista se sentia muito triste, por causa de uma crise de confiança com seus colegas, estavam distanciados. Destaca que na escola é tudo muito diferente da rua, é mais fácil fazer um amigo, um colega na escola do que fazer um amigo fora, na rua. “A gente vai à escola todos os dias, vai se familiarizando, eu sou muito família, não sou anti-social, vou para a escola e quero ter colegas, amigos, tudo, não gosto de estar sozinho, nem no bairro”.

¹⁷ Ver neste capítulo o texto *Procurando um lugar seguro num mundo inseguro*, contendo algumas das principais questões da entrevista a Emanuel.

¹⁸ Ver neste capítulo o texto *A escola e a Internet: espaços para se fazer amigos*, contendo algumas das principais questões da entrevista a Adrián.

Ficar sozinho constitui uma questão que preocupa os jovens. Estar acompanhado e sentir-se acompanhado, rodear-se de outros o tempo todo é uma “necessidade” comum a eles. Estar ligado a outros inclui múltiplas formas seja a de conversar dos assuntos que compõem o cotidiano ou compartilhar os espaços de lazer, seja um recreio na escola ou uma saída ou ainda uma mensagem de texto. Estar permanentemente conectados constitui uma disposição comum a boa parte dos estudantes entrevistados e condição necessária para nomear essas relações como de amizade. Os jovens consideram que o contato diário, tanto de forma presencial como virtual, contribui para consolidar uma relação de amizade e esse é o motivo principal pelo qual a passagem pelos diferentes níveis do sistema educativo, os clubes, o bairro e, com uma representatividade menor, o trabalho, sejam os espaços privilegiados. A comunicação entre os amigos e os colegas se desenvolve de forma contínua através das mensagens de texto, numa ida e volta constante, que se complementa com a comunicação on-line, o bate-papo e a interação cara a cara.

Finalmente, nas relações de sociabilidade todos os alunos ressaltam as disposições e percepções comuns que os ligam a outros como, por exemplo, o grupo de seus amigos, como os gostos comuns, os valores, as situações compartilhadas, as afinidades. Porém, ao mesmo tempo, nas falas de alguns dos estudantes deixa-se entrever alguns limites que estabelecem as distâncias e a desconfiança dos “outros”, demarcando suas posições no espaço social. Estas distinções afirmam-se a partir da própria identidade e se expressam como uma oposição e um efeito de diferenciação do outro. As identidades mais fortemente expostas são as do tipo religioso ou territorial.

Mauricio insiste em várias oportunidades que o meio rural e os povos do interior produzem relações duradouras e confiáveis e que, no meio urbano, a possibilidade de encontrar relações equivalentes fica mais complicada. Sua família mora em um sítio na província de Buenos Aires e ele encontra-se com ela alguns dias ao mês, razão pela qual a maior parte de seu tempo, fora do trabalho e da escola, é partilhada com seus amigos. Muitos deles concluíram o ensino médio e começaram a universidade. Os amigos sempre perguntam Mauricio para saber a quantas anda seus estudos e lhe dão muito apoio e força. Porém, afirma, que “os amigos da infância da gente são os amigos, não é o mesmo que os amigos que a gente faz na cidade onde é difícil encontrar amigos”. Em algumas ocasiões se

encontra com os amigos de infância já que residem longe dele. Quando isso acontece juntam-se para comer, conversar da vida de cada um e falar de futebol. Também saem para dançar, vão a bares, juntam-se para ver filmes e passam as férias juntos. Todas as semanas conversam on-line no Messenger.

No caso de Ramón, o tempo que tem livre, fora do trabalho, é compartilhado com a família. Ressalta não ter muitos amigos, simplesmente pessoas conhecidas ligadas aos encontros religiosos na igreja porque as pessoas têm que compartilhar alguns interesses e valores para se encontrar. No entanto, seus colegas de trabalho o ajudam no estudo das disciplinas escolares comentando com ele os temas que está aprendendo na escola e outras questões. Também Guillermo, que trabalha desde os 17 anos fazendo trabalhos de pintura e hoje tem 24 anos, ressalta que o eixo da sua vida é o grupo católico do qual participa e onde realiza atividades com crianças e jovens. Quase todos os seus amigos são membros desse grupo. Fora dele só tem um amigo que conheceu trabalhando e sua namorada. Toda a entrevista se desenvolveu entorno do grupo religioso porque, como também assinala Ramón, essa adesão mudou a sua vida. Esta realidade levou Guillermo a se distanciar de sua família, apesar de conviver com ela. Na sua visão os amigos são “sua família” porque partilha com eles uma forma de ver as coisas.

Por último, tanto nas entrevistas como nos questionários foi possível evidenciar que os alunos dispõem de melhores condições materiais de vida que as alunas. Isto se deve ao fato de receberem um salário mais elevado pelos trabalhos que realizam e, freqüentemente, os jovens escolarizados não têm filhos para sustentar ou, em caso contrário, não moram com eles ou repassam somente um mínimo às mães das crianças. Além disso, os alunos trabalhavam um maior número de horas e contribuíam, na maior parte das vezes, com o sustento da sua família de origem e não pareciam ter nenhuma responsabilidade em relação às tarefas domésticas. O tempo que os alunos não estão trabalhando ou estudando é um tempo livre que podem dedicar aos amigos e às atividades que gostam de fazer como informática, cinema ou esportes.

As condições econômicas e de tempo que poderiam favorecer, por exemplo, uma relação mais permanente com as TIC permitindo-lhes realizar de forma mais continuada atividades ligadas a informática, seja porque dispõem de

um computador ou pelo fato de desenvolverem trabalhos que requerem conhecimentos de informática.

No que diz respeito à escola, as mulheres são mais perseverantes para a continuidade dos estudos, apesar de afirmarem ter mais problemas que os homens. Os problemas destacados pelas alunas com maior frequência são: os familiares, os econômicos, de saúde, de trabalho, de escola e de moradia. Quanto aos homens, os problemas que mais os preocupavam eram: os econômicos, de família e de trabalho.

Por outro lado, enquanto as mulheres inscrevem suas relações sociais dentro dos limites da cidade, a experiência dos homens evidencia diferenças. Seja por motivos de trabalho ou de dispor de dinheiro para consumos próprios ou pelo fato da maior parte deles não ter formado uma família, têm mais oportunidade de se relacionar com indivíduos, grupos e instituições fora dos limites locais. Do mesmo modo, os homens, diferente das mulheres, realizam frequentemente atividades de lazer fora dos limites do lar e da cidade. O alargamento territorial pareceria favorecer a ampliação do campo de experiência na vida dos alunos das camadas populares com efeitos distintos para a sociabilidade.

4.3.4. Dois esboços: vidas de alunos

A escola e a Internet: espaços para se fazer amigos

Adrián fez o ensino fundamental numa escola pública de Ensenada, onde repetiu a 5ª série. Porém, acredita que o maior esforço foi o que teve que realizar no terceiro ciclo porque não prestou mais atenção na escola. Algumas vezes os pais ajudavam com as tarefas da escola porque “não estava quase nunca na minha casa e era preguiçoso. Agora tenho 18 anos e comecei a ver o que iria acontecer se a gente não quisesse frequentar a escola. Depois fiquei pensando, sim ou sim tenho que terminar porque se quero ser alguém no futuro a gente tem que finalizar a escola”.

Finalmente, Adrián conseguiu concluir a 9ª série do ensino fundamental aos 15 anos. Quando passou para o 1º ano do ensino médio, repetiu duas vezes. Ele cursava eletro-mecânica porque sempre gostou de carros e pensou, pelo nome da orientação curricular, que se tratava de questões relacionadas a carros. Depois de alguns meses e para não deixar de estudar, tentou se interessar mais. No entanto, as 8 horas que devia passar dentro da escola o fizeram perder o interesse pelas disciplinas. Os pais ficaram muito preocupados pela situação escolar de Adrián.

Após essa experiência e tendo já dezoito anos, ele achou melhor passar para o curso de jovens e adultos, onde entrou no 1º ano e passou, não sem esforço, para o 2º ano, onde se encontrava quando foi entrevistado. Fez dezenove anos e ressalta que o curso para adultos é diferente “mudam as pessoas, muda a forma de ensino, fica tudo mais fácil com os colegas e pela forma de ensino dos professores”. “É mais fácil para a gente, mais fácil estudar, estou mais consciente quando explicam estou mais atento. Entretanto, quando ia a eletro-mecânica sempre estava nas nuvens. Na realidade fiquei muito preguiçoso, mas comecei a pensar em terminar o ensino médio para ser alguém no futuro e para conseguir um trabalho como a gente e para fazer um curso superior de Higiene e Segurança para o qual devo ter sim ou sim o certificado de ensino médio”.

O pai freqüentou o curso de técnico químico na mesma escola de Adrián. Depois fez a carreira de Higiene e Segurança e atualmente trabalha numa empresa de seguros. Adrián acompanha seu pai em algumas situações de trabalho. Antes disso trabalhou na petroquímica de Ensenada durante seis anos mas, foi demitido durante o processo de privatização da empresa. Mais tarde fez uma sociedade com três colegas do trabalho, porém a iniciativa não foi adiante.

Adrián fica preocupado com os problemas de saúde e os econômicos. Os primeiros lhe preocupam porque um problema de saúde é um gasto de dinheiro e depois porque pode acontecer alguma coisa e fazer sentir-se mal. A preocupação com a economia familiar deve-se a que “sempre que a gente quer ter alguma coisa não pode tê-la por causa da economia”, se bem que ele não estivesse trabalhando no momento de nosso encontro.

A mãe de Adrián completou o ensino médio e trabalha como empregada do estado. Seus pais estão separados e ele mora com sua mãe, sua avó e um irmão que estuda informática na mesma escola que ele. Atualmente ele tem uma boa relação com o pai, apesar deste haver saído de casa quando Adrián ainda era

criança, experiência que ele nomeia como traumática. Faz quatro ou cinco anos que o vínculo pai-filho melhorou e ressalta que isso é “uma sorte mesmo que às vezes brigem, ainda que não muito”. “Tenho uma longa lista de coisas como um DVD, um aparelho de música porque tenho um velho e uma TV para meu quarto”.

Ele tem um computador na sua casa, mas sem conexão à Internet. No entanto, todos os dias visita a casa do pai onde dispõe de um computador que está conectado à rede e, lembra que, quando não tinha essa possibilidade ia para o ciber. A atividade mais frequentes é participar no bate-papo. O que mais usa é o Messenger para conversar com meninas e amigos quando fica na sua casa sem nada que fazer. Outras atividades são as de “baixar” vídeo clipes e música e consultar os sites de carros. Seu interesse pelos carros o levou a fazer um curso de mecânica automotriz, três vezes por semana, duas horas por dia. Apesar de estar fazendo um curso de mecânica não consulta essas questões na Internet, prefere sempre ver o manual quando quer saber alguma coisa.

Todos os amigos de Adrián residem em Ensenada, quase todos eles foram colegas do ensino fundamental e alguns ele conheceu no ensino médio para jovens e adultos. De fato, ressalta que o que mais gosta da escola é dos amigos porque “todos os amigos que tenho são do ensino fundamental e da escola média e com eles a gente conversa das coisas, saímos junto e compartilhamos muitos momentos”. Aos sábados saem para dançar e de vez em quando jogam futebol, senão preferem ficar o dia juntos conversando. “O tema obrigatório são as meninas, mas também falamos de carros e das coisas que passam com a gente. Conversamos e nos ajudamos”. Normalmente passam as férias juntos em Ensenada. No entanto, faz pouco tempo atrás saíram juntos de férias e foram acampar uma semana perto do mar. “Necessitava sair de Ensenada, é uma morte isto, nas férias não há nada, sempre tenho que ir a La Plata, a única coisa que se pode fazer é ir ao ciber, mas a gente não assiste ao ciber, necessitava sair, ficar sozinho, também queria sair da minha casa e saber como seria a experiência de sair de férias com amigos”.

Uma outra questão sobre a qual conversam é a escola. “A escola é como a minha segunda casa. Sempre falo que é a segunda casa porque a maior parte do tempo, a maior parte da vida de criança e adolescente se desenvolve na escola e por isso me sinto bem nela”. “Conversamos das avaliações, quando alguém não

estuda e gente ri, também falamos dos boatos que se passam na escola”. Porém, destaca que a pior lembrança da escola foi quando repetiu a 5ª série por causa de uma professora. “Falando com a minha mãe, lembramos que a gente tinha que responder a uma avaliação de todo o aprendido e tinha estudado. No entanto, a professora me perguntou uma coisa que não estava mais na matéria e somente foi perguntada a mim e eu não a tinha estudado e por esta coisinha me fez repetir”.

Outra atividade que Adrián partilha com seus amigos é assistir filmes de terror e ciência ficção no vídeo ou no DVD de um amigo, como “O regresso dos mortos vivos”, “Não olhes abaixo” e outros filmes “sanguinários”. Afirma se divertir muito nas sessões de cinema, mas também em outras oportunidades sente medo.

Gosta de escutar rock nacional e internacional, se identifica como “rollinga”¹⁹ e assiste os canais de música como a MTV, Much Music e Rock & Pop. “Faço *zaping* e sempre encontro alguma coisa e depois também vou fazendo *zaping* nos filmes porque já vi quase todos, sempre encontro algum dos que eu gosto e fico vendo”.

Sua paixão maior é um clube de futebol “pela história que tem e porque tem muita força”. Seu pai e seu irmão também são do mesmo time. É sócio do clube, vai ao estádio de futebol e também escuta freqüentemente programas esportivos no rádio e na TV. Quando foi o centenário do clube, comprou o livro e esteve lendo. Além disso, afirma que quase não lê revistas e jornais e assiste somente ao jornal de meio-dia na TV aberta.

Segundo ele, a vizinhança é sempre um problema porque dão queixa de tudo como, por exemplo, do barulho que fazem jogando bola na porta da sua casa ou falando com os amigos na rua. “Uma vizinha não gosta do que a gente faz como quando a gente jogava bola na porta da minha casa. Também sempre os criticavam. Fazíamos barulho porque a gente conversava ou gritava ou entre os amigos sempre havia alguém que fazia confusão, falavam mentiras sobre outro e

¹⁹ Como assinala Ignacio Quartino: “En Uruguay están los planchas, en Estados Unidos los raperos y en Argentina, los rollingas. Si bien no existe una definición de la Real Academia Española, rollinga sería algo así como una tribu urbana de Buenos Aires, que involucra a jóvenes adolescentes que suelen lucir jardinerito de jean gastado, flequillo, zapatillas de tela, un pañuelito en el cuello y la remera, generalmente negra, con la lengua gigante que, sumada a una actitud rebelde y contestataria, se asocia con el Mick Jagger de las décadas 70 y 80”. Cultura Stone: Rollingas made in Argentina. Diario El País. Montevideo, Uruguay Disponível em: http://www.elpais.com.uy/Registro/Login.asp?refacc=0&vurl=%2FSuple%2FDS%2F06%2F02%2F12%2Fsds%5F200811%2Easp&erracc=99&url_qs=

começavam a brigar”. Ele também fica preocupado com o comportamento dos próprios amigos e amigas que criam problema entre si e assim os grupos vão ficando cada vez menores.

Procurando um lugar seguro num mundo inseguro

Emanuel tem vinte anos e cursa o 1º ano da escola técnica. Fez até a 5ª série do ensino fundamental numa escola pública e depois passou para outra onde fez até a 8ª série. Na 9ª série passou para a escola técnica. Acha que isso foi um erro porque a última escola exigia mais do que as anteriores. Os professores eram mais exigentes que os anteriores, ao que se somava o fato de que os colegas eram novos, que tornava tudo mais difícil. O resultado foi que repetiu a 9ª série. Ele declara que “é um pouco psicológico da minha parte porque sendo repetente uma primeira vez, sendo o ensino mais puxado e, além de tudo, comecei a trabalhar e já foi”. Finalizou a 9ª série pela segunda vez e passou para o 1º ano do ensino médio. Depois, lembra Emanuel, “comecei a abandonar”. Iniciou-se no trabalho aos dezesseis anos ajudando seu pai que fazia trabalhos de pedreiro (ainda que ele não fosse pedreiro, trabalhava disso).

Além disso, o pai faz vinte anos que trabalha no estaleiro. O ano passado Emanuel fez ali um curso de soldador porque uma lei obriga ao estaleiro a contratar prioritariamente os filhos dos trabalhadores. Ele está esperando que o chamem e necessita terminar o ensino médio. Na atualidade, ele faz alguns biscates. Ele ganha uns \$100 mensais (aproximadamente U\$ 33) e declara que gasta o dinheiro que consegue rapidamente, “compro o que necessito, compro roupa, coisas da bateria”.

Mora com os pais, duas irmãs e uma sobrinha. O pai completou o ensino básico e, mais tarde, terminou o ensino médio na escola para adultos. Ele nasceu numa província situada no nordeste da Argentina. Aos oito anos trabalhava fazendo de tudo e por isso sempre mostra para seu filho, quando ele dá queixa que não sabe fazer alguma coisa, que “aprenda sozinho porque a gente aprendeu a fazer tudo sozinho”. Emanuel ressalta as diferenças entre sua vida e a vida de seu pai e lembra que ele não teve que sair para trabalhar desde criança e isso fez com

que sua infância fosse distinta. Teve seu lar onde não faltou comida e “nunca lhe fecharam as portas da escola. A gente vem a terminar a escola porque a gente quer, pior seria não poder estudar”.

A mãe também completou o ensino médio numa escola comercial. Na atualidade, se dedica ao lar, no entanto, trabalhava no estaleiro como empregada administrativa. Aposentou-se jovem como funcionária administrativa no estaleiro estatal por problemas de vista e teve que fazer uma intervenção cirúrgica.

Às vezes a expectativa dos pais não se limita a que o filho finalize o ensino médio, mas também almejam outro destino para ele que possa lhe oferecer algum trabalho seguro.

Suas irmãs também foram à escola. A menor foi repetente da 9ª série e cursa a mesma escola que Emanuel, mas, durante o horário da manhã. A mais velha finalizou o ensino médio e começou a universidade. Deixou o curso de odontologia e passou para direito, mas abandonou e agora fica com sua filha. É mãe solteira e está procurando emprego.

Ele escuta todos os dias rock e punk de bandas nacionais e internacionais no seu aparelho de música. “Ouço um pouco de música e saio tranqüilo para a rua”, “adoro escutar música”. Também faz música, toca bateria de ouvido já que nunca estudou. O único problema é que não consegue tocar todos os dias porque tem problemas com os vizinhos. Assim, toca somente aos sábados “porque tenho um grupo de amigos com o qual a gente faz música”. Os amigos tocam guitarra e um deles canta. Emanuel gosta muito de se reunir e “a gente faz o que pode porque não somos pessoas de dinheiro, ou seja, todos são assim. Juntamos-nos para assistir filmes aos sábados, saímos para dar uma volta na cidade de La Plata, mas, não entramos nas discotecas por uma questão econômica. Vamos a bares ou jogamos ‘pool’”. Eles são fanáticos pelo “Superman” e por comédia e, as vêm no seu vídeo ou no DVD de um amigo. “O último filme que vi sozinho foi Superman, sou fanático, minha irmã também é, senão assistimos filmes de terror como ‘Caminho ao terror’. A última sessão foi uma de Jim Carey, uma comédia. Os vemos na minha casa ou na de meu amigo que tem DVD dependendo se o filme está em DVD ou vídeo”. Não tem computador na sua casa e tampouco vai ao ciber ou tem telefone celular.

Os temas de conversa com os amigos giram ao redor das coisas da vida como sua banda de música, de meninas e da escola. “Na escola me sinto bem, há professoras e professores que me caem bem e outros nem tanto, tem coisas que a gente não gosta muito, o que eu quero é terminar. Primeiro quero entrar no estaleiro e quero terminar o ensino médio para ter um trabalho. Não acredito que continue até a universidade porque quero trabalhar e, além disso, não há nada do que eu goste”.

“Quando começamos os estudos já adultos nos falam que a gente tem que se ajudar entre si, o que abandona temos que ajudá-lo, se falta alguma coisa a alguém a escola o ajuda, um trabalho, qualquer coisa contanto que assista a escola a instituição o ajuda”.

Ressalta que os colegas da escola têm um papel muito importante na hora de continuar os estudos porque se ajudam mutuamente em tudo. Apesar disso - diz ele - somente ficaram cinco alunos no curso e lembra que no momento de responder ao questionário eram mais que o dobro. Alguns deixaram por motivos de trabalho, mas outros ele não sabe dizer porque.

Às vezes ele lê o jornal local que sua mãe compra e lê todos os dias. Além disso, suas leituras foram um livro de poesia de Juan José Lopez de Molina, um escritor de Ensenada, que foi um presente de uma prima e do qual gostou muito. As outras leituras, como “Meu pé de laranja-lima” de José Mauro de Vasconcelos, são aquelas recomendadas nas diferentes disciplinas escolares e na sua casa tem alguns livros didáticos. “Por iniciativa não sou de ler livros, mas se alguém me dá alguma coisa para ler ou recomenda, eu leio. A gente nunca teve livros, somente os da escola. Meu pai não lê. Já é de família, meu pai tem a cultura da sua província (Chaco) e sempre trabalhou desde criança porque meu pai não teve infância e acredito que é por isso que há coisas que não chamam minha atenção. A gente teve infância, nunca trabalhei quando criança”.

Freqüentemente faz *zaping* na TV e às vezes assiste séries na TV a cabo como, por exemplo, “Small Ville”. Na TV aberta assiste aos programas de notícias. “Agora o jornal é o fundamental para estar em dia, vejo o jornal para me informar de tudo, de como está tudo e estar informado, chama muito minha atenção”. Fica preocupado com a insegurança, “as coisas que estão passando que matam assim por matar. Os idosos em La Plata, os matam por nada. A alguns, por exemplo, assaltaram enquanto estavam dormindo, levaram um monte de coisas e

os acordaram aos golpes. São coisas que não tem sentido porque não gosto de política mas também a gente tem que lhe dar importância. Também fico preocupado com as guerras, a gente está à margem disso mas a guerra pode ser em qualquer lugar ainda mais com os Estados Unidos que se pensa o líder do mundo quando depende, se abastece de outros países e isso na verdade me preocupa um pouco ”.